

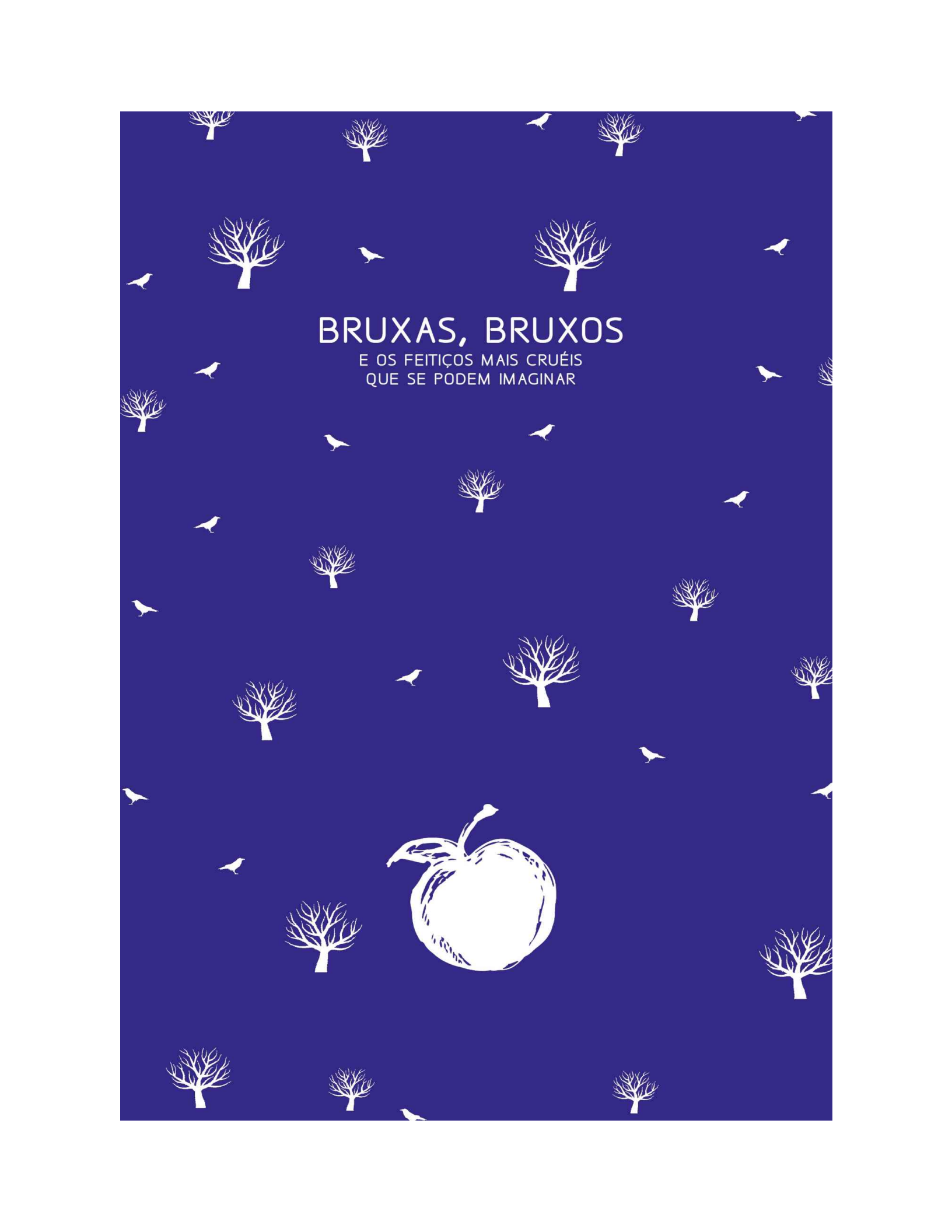
BRUXAS, BRUXOS

E OS FEITIÇOS MAIS CRUÉIS
QUE SE PODEM IMAGINAR



MARTIN  CLARET





BRUXAS, BRUXOS

E OS FEITIÇOS MAIS CRUÉIS
QUE SE PODEM IMAGINAR



Cathal, rei de Munster, era um bom rei e um grande guerreiro. Mas veio habitar dentro dele uma besta maligna e sem lei, que o atormentava com uma fome insaciável a tal ponto que nunca podia ser satisfeita. E desse modo devorava pela manhã um porco, uma vaca, um novilho, três bolos completos de puro trigo e um barril de cerveja, e, em grandes banquetes, o que ele comia passava da conta e das medidas.

BRUXAS, BRUXOS

E OS FEITIÇOS MAIS CRUÉIS
QUE SE PODEM IMAGINAR

Tradução:
VILMA MARIA DA SILVA
E INÊS A. LOHBAUER

MARTIN  CLARET

SUMÁRIO

Apresentação

BRUXAS, BRUXOS E OS FEITIÇOS MAIS
CRUÉIS QUE SE PODEM IMAGINAR

Como Cormac Mac Arte foi ao reino encantado

A visão de MacConglinney

A batalha dos pássaros

Os filhos de Lir

A dama do cavalo e Powel, o príncipe de Dyfed

Paddy O'Kelly e a doninha

O sonho de Owen O'Mulready

Morraha

As mulheres de chifres

O fazendeiro de Liddesdale

APRESENTAÇÃO

FEITICEIRAS E FEITICEIROS: FIGURAS DO BEM OU DO MAL?



LILIAN CRISTINA CORRÊA¹

Em sem tratando do universo da cultura celta, muito se pode dizer sobre a existência da magia e, mais especificamente, sobre a figura feminina envolvida neste processo. Temos, obviamente, vinculada à origem celta, notícias do Mago Merlin e de todo o seu poder e sabedoria relacionados à magia e à soberania, uma vez que foi o mentor do Rei Arthur, mas mais do que Merlin, parece que a figura feminina enquanto feiticeira tem sido, desde sempre, a causadora de estranhamentos, temores, felicidade e amores.

A imagem da mulher como feiticeira está presente há muito na história da humanidade, como se tal imagem representasse seu duplo: de conhecedora de segredos da natureza a entidade demoníaca, tal figura feminina sempre sofreu consequências por ser *“diferente”*, *por ameaçar* as esferas do ser, do poder e do saber e, acima de tudo, por intimidar ou questionar os pontos de vista religiosos.

Entretanto, há um outro questionamento, subjacente às ideias apontadas anteriormente, mas que, de certa forma, vem a complementá-las ou mesmo tornar os momentos históricos em que mais se tocou nos assuntos relacionados à bruxaria em momentos críticos, nos quais a existência da bruxa ou feiticeira era o

questionamento apresentado e toda a polêmica acerca dele escondia outros problemas políticos e sociais bem mais pungentes do que as tentativas de purificação dessas 'criaturas do além'. Prova disso são os inúmeros textos acerca do assunto, em diferentes esferas do conhecimento, segundo o artigo *Bruxas, da fogueira ao confinamento*, publicado na *Revista História Viva*, em setembro de 2006:

A abordagem histórica das bruxas deve começar com a pergunta inescapável: elas existiram? A resposta é afirmativa, mas comporta uma ressalva. Sim, elas existiram, mas como construção social de uma época, como objeto catártico de uma sociedade dominada pela Igreja que demonizava o que soasse herético. [...] A repulsa e o temor à bruxaria tinham também um componente que hoje seria chamado de sexista. Havia bruxos, mas a perseguição visou mais às mulheres. Eram, sobretudo elas que morriam queimadas nas fogueiras da Inquisição medieval. Os tempos, no entanto, mudaram e o declínio do poder da Igreja, a partir do Iluminismo, correspondeu a penas mais brandas, como o isolamento das acusadas em hospícios. (p.32)

Por que mulheres? Nos contos que aqui se encontram, você, leitor, terá a oportunidade de perceber que, de fato, quase todos apresentam a figura da feiticeira, da bruxa e não do mago, repleto de sabedoria. Esta é uma questão cultural e histórica, como se pode ver no extrato acima, mas, acima de tudo, a figura da mulher vista como feiticeira traz à tona o medo da humanidade em entender aquilo que parece ser incompreensível, como se houvesse um encontro entre a magia e a angústia daquele que não a compreende e que acaba por questionar a sua própria existência, seus enigmas mais interiores.

Aquilo que Freud postula como *heimlich* e *unheimlich*, como familiar e estranho, parece estar presente em quase todas as narrativas aqui apresentadas, com ideias que são facilmente absorvidas pelas personagens, como a existência de uma bela mulher e a paixão, e que pouco depois tornam-se absurdamente incompreensíveis, quando, por exemplo, essa mulher se mostra como sacerdotisa, conhecedora dos segredos da natureza e com respostas aos mais profundos temores de seu amo.

A presença de figuras malévolas ou que meramente provoquem algum tipo de temor ou desconforto é recorrente nas narrativas desta coletânea, assim como o é a presença dos meios naturais

como artifício para a solução ou para a provocação de problemas. O que deve ficar claro é que a feitiçaria não deve ser entendida como desígnio maléfico, pelo menos não em sua abrangência, uma vez que inicialmente vinham das feiticeiras o dom e a sabedoria acerca das ervas e plantas curativas e de preces acalentadoras... os próprios druidas, sacerdotes celtas, entendiam a presença feminina da deusa-mãe como correspondente ao bem maior — o que se considera, então, como bruxaria, deveria ser entendido como percepção, conhecimento.

Obviamente, as figuras más existiram e sempre existirão; cada qual a seu modo e em tempos diversos, envolvidas ou não com a magia. O que deve prevalecer e que está recorrentemente presente nas narrativas desta coletânea é a noção de que se deve ter respeito a tudo o que os povos ancestrais conquistaram, em lugar de destruir visando manter vaidades, pois tal postura apenas desmoraliza e desestrutura o que foi construído.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. N. A. de. **As deusas, as Bruxas e a Igreja.** Séculos de perseguição. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2004.

CORRÊA, L. C. Mulher-feiticeira, o duplo e outros mitos em Eu, Tituba, feiticeira... Negra de Salem, de Maryse Condé. Artigo publicado nos Anais do XI Congresso Internacional da Abralic, 2008.

Revista História Viva, edição de setembro de 2006.

¹ Mestre e Doutora em Letras (UPM), professora dos cursos de graduação e pós-graduação *lato sensu* da Universidade Presbiteriana Mackenzie, nas áreas de língua e literaturas em língua inglesa, tradução e metodologias do ensino de língua inglesa.

BRUXAS, BRUXOS

E OS FEITIÇOS MAIS CRUÉIS QUE SE PODEM IMAGINAR





COMO CORMAC MAC ARTE FOI AO REINO ENCANTADO



Cormac, filho de Art, filho de Conn das Cem Batalhas, era o ilustre rei da Irlanda e ocupava sua corte em Tara. Um dia, ele viu sobre o gramado um jovem segurando nas mãos um reluzente galho encantado com nove maçãs vermelhas. Sempre que o balançava, homens feridos e mulheres debilitadas por doenças eram acalentados pelo som da música doce e encantada que as maçãs entoavam, e ninguém sobre a face da terra passava por qualquer necessidade, aflição ou fadiga de alma toda vez que o galho era brandido por ele.

— Esse galho é seu? — perguntou Cormac.

— Ele é meu.

— Você o venderia? O que pediria por ele?

— Você me dará o que eu lhe pedir? — perguntou o jovem.

O rei prometeu dar o que ele quisesse, e o jovem pediu-lhe a esposa, a filha e o filho. O rei ficou pesaroso. E a esposa e os filhos ficaram cheios de tristeza quando souberam que teriam de separar-se dele. Mas Cormac brandiu o galho no meio deles e, tão logo ouviram a suave e doce melodia, esqueceram toda preocupação e pesar. Foram então ao encontro do jovem, que partiu com eles e não mais foram vistos. Em todas as partes de Erin foram ouvidos sonoros gritos de pranto e lamentação quando o fato se tornou conhecido. Mas Cormac brandiu o galho e não houve mais nenhuma tristeza ou pesar no coração de ninguém.

Depois de um ano, Cormac disse:

— Hoje faz um ano que minha esposa, meu filho e minha filha foram tirados de mim. Vou segui-los pelo mesmo caminho por onde foram.

Cormac partiu para a jornada, e um nevoeiro mágico e opaco estendeu-se sobre ele. Depois, aconteceu-lhe de chegar a uma maravilhosa e esplêndida campina. Muitos cavaleiros estavam ali, ocupados em cobrir uma casa com a plumagem de pássaros desconhecidos. Depois que um dos lados ficava coberto, eles iam e buscavam mais. Quando retornavam, não havia mais nenhuma pluma sobre o teto. Por um tempo, Cormac olhou pasmado para eles e depois seguiu seu caminho.

Novamente, viu um jovem arrastando troncos para fazer uma fogueira; mas, antes que pudesse encontrar um segundo tronco, o primeiro queimava-se, e pareceu a Cormac que aquele trabalho jamais teria fim.

Cormac prosseguiu adiante até que viu três imensas fontes nos limites da campina, e, em cada fonte, havia uma cabeça. Da boca da primeira cabeça escoavam dois córregos, para dentro dela escoava um outro; da segunda cabeça escoava um córrego para fora e um outro córrego para dentro de sua boca; três córregos fluíam da boca da terceira cabeça. Maravilhado, Cormac disse:

— Ficarei aqui e investigarei essas fontes, pois não acharei homem algum que me conte sobre a origem delas.

Com essa decisão em mente, seguiu adiante até chegar a uma casa no meio de um campo. Entrou e saudou os seus moradores. Um homem e uma mulher de elevada estatura, vestidos com roupas extraordinariamente coloridas, responderam ao cumprimento do rei. Eles lhe deram as boas-vindas e o convidaram dizendo-lhe que era bem-vindo para passar a noite em casa deles.

A esposa pediu ao marido para buscar comida.

Ele saiu e retornou com um imenso porco selvagem nas costas e uma tora de lenha nas mãos. Ele jogou o porco e a tora no chão, depois disse:

— Aí está a comida. Prepare-a você mesmo.

— Como posso fazer isso? — perguntou Cormac.

— Eu te ensinarei — disse o jovem.

— Divida essa tora grande em quatro partes. Depois divida o porco em quatro quartos. Então ponha um pedaço da tora debaixo de cada quarto e conte uma história verdadeira, que eles ficarão cozidos.

— Conte você a primeira história — disse Cormac.

— Eu tenho sete porcos da mesma espécie desse que eu trouxe e posso alimentar o mundo inteiro com eles. Pois se um deles é morto, tenho apenas que deixar seus ossos no chiqueiro e, na manhã seguinte, será encontrado vivo novamente.

A história era verdadeira, e um quarto do porco ficou cozido.

Então Cormac pediu à mulher da casa que lhe contasse uma história.

— Eu tenho sete vacas brancas que rendem sete caldeirões de leite todos os dias, e eu lhe dou a minha palavra de que renderão tanto mais leite quanto necessário para satisfazer os homens do mundo inteiro se ali naquela campina ficassem a bebê-lo.

A história era verdadeira, e o segundo quarto do porco ficou cozido.

Cormac foi convocado para contar uma história e ter o seu quarto. Contou como saiu à procura da esposa, da filha e do filho levados dele há um ano por um jovem que tinha um galho encantado.

— Se o que diz é verdade — disse o homem da casa —, você é verdadeiramente Cormac, filho de Art, filho de Conn das Cem Batalhas.

— Sou ele mesmo — disse Cormac.

A história era verdadeira, e outro quarto do porco ficou cozido.

— Coma a sua refeição agora — disse o homem.

— Jamais comi com apenas duas pessoas em minha companhia.

— Você comeria com três outras?

— Se me fossem estimadas, comeria — disse Cormac.

A porta se abriu e entraram a esposa e os filhos de Cormac, e a sua alegria e exaltação foram imensas.

Então Manannan Mac Lir, Senhor da Cavalaria Encantada, apareceu diante dele em sua forma real e disse:

— Fui eu, Cormac, que tirei esses três de você, e fui eu que lhe dei esse galho; tudo para que eu pudesse trazê-lo aqui. Agora coma e beba.

— Assim faria — disse Cormac —, se eu pudesse compreender o significado das maravilhas que hoje vi.

— Você compreenderá — disse Manannan. — Os cavaleiros que cobriam o teto com penas são semelhantes às pessoas que andam pelo mundo em busca de fortuna e riqueza; quando retornam, suas casas estão descobertas, e assim continuam para sempre. O jovem que arrastava os troncos para fazer fogo é semelhante àqueles que trabalham para os outros: têm muitas dificuldades e jamais conseguem aquecer a si próprios no fogo. As três cabeças nas fontes representam três espécies de homens. Alguns dão livremente quando recebem livremente; alguns dão livremente embora recebam pouco; alguns recebem muito e dão pouco, e esses são os piores das três espécies, Cormac — concluiu Manannan.

Depois disso, Cormac, a esposa e os filhos sentaram-se e a toalha de mesa foi estendida diante deles.

— Aí está diante de ti algo muito precioso — disse Manannan. — Não há certamente alimento por mais refinado que, uma vez pedido para essa toalha, não seja imediatamente dado.

Depois disso, Manannan tirou do cinto um cálice e o colocou na palma da mão.

— Esta taça possui uma virtude — disse ele. — Ela se despedaça em quatro partes toda vez que uma falsa história é contada diante dela, e se refaz totalmente toda vez que uma história verdadeira é contada.

— São preciosidades o que você possui, Manannan — disse o rei.

— Todas são suas — disse Manannan —, o cálice, o galho e a toalha.

Então eles comeram, e a comida estava excelente, pois não havia alimento em que pensassem que não surgisse sobre a mesa nem bebida que desejassem que imediatamente não surgisse em suas taças. E todos manifestaram grande gratidão a Manannan.

Terminada a refeição, os leitos foram preparados para eles. Eles se deitaram para um repouso e um doce adormecer. Logo que

acordaram pela manhã, estavam em Tara dos Reis e, ao lado deles, estavam a toalha, o cálice e o galho.

Desse modo Cormac visitou a Corte de Manannan e foi assim que ele ganhou o galho encantado.

A VISÃO DE MACCONGLINNEY



Cathal, rei de Munster, era um bom rei e um grande guerreiro. Mas veio habitar dentro dele uma besta maligna e sem lei, que o atormentava com uma fome insaciável a tal ponto que nunca podia ser satisfeita. E desse modo devorava pela manhã um porco, uma vaca, um novilho, três bolos completos de puro trigo e um barril de cerveja, e, em grandes banquetes, o que ele comia passava da conta e das medidas. Vivia assim havia um ano e meio, período durante o qual ele fez a ruína de Munster, e provavelmente outros seis meses seriam o bastante para arruinar toda a Irlanda.

Nessa época vivia em Armagh um sábio jovem e famoso. Seu nome era Anier MacConglinney. Ele ouviu falar da estranha doença do Rei Cathal e da abundância de comida e bebida, de carne branca, cerveja e mulso¹ de que sempre era abastecida a corte do monarca. Desde então, tinha em mente tentar a sorte e ver que ajuda podia prestar ao rei.



Levantou-se de manhã bem cedo, trocou a camisa e envolveu-se em seu manto branco. Em sua mão direita tomou seu bastão bem alinhado e cheio de nós e, depois de fazer um giro por sua casa, disse adeus a seus mestres e partiu.

Viajou por toda a Irlanda, até que chegou à casa de Pichan. Aí permaneceu, contou histórias e divertiu a todos. Mas Pichan disse:

— Embora seja grande tua alegria, filho do saber, isso não me diverte.

— E por quê? — perguntou MacConglinney.

— Não sabes, ó sábio, que Cathal virá aqui esta noite com toda sua corte. E se sua corte é incômoda, a primeira refeição do rei é mais incômoda ainda; e se incômoda a primeira, mais incômoda de todas é a que faz em um grande banquete. Três coisas são necessárias para esse fim: um alqueire² de aveia, um alqueire de maçãs silvestres e um alqueire de trigo.

— Que recompensa você me daria se eu te protegesse do rei, desde agora até a essa mesma hora de amanhã?

— Uma ovelha branca de cada rebanho entre Carne Cork.

— Eu aceitarei — disse MacConglinney.

Cathal, o rei, veio com sua comitiva e com uma hoste dos homens de Munster. Mas Cathal não deixou os laços de seus sapatos serem afrouxados antes que começasse a suprir sua boca com as maçãs ao seu redor. Pichan e todos os homens de Munster olhavam isso com tristeza e pesar. Levantou-se então MacConglinney e pegou apressado e impaciente uma pedra usada para afiar espadas. Enfiou-a na boca e começou a triturá-la com os dentes.

— O que te faz assim louco, filho do saber? — perguntou Cathal.

— Perturba-me vê-lo comer sozinho — disse o sábio.

O rei ficou desconcertado e afastou de si as maçãs, e dizem que nos três semestres passados ele não tinha realizado um ato humano semelhante.

— Conceda-me mais um benefício — pediu MacConglinney.

— Está concedido, por minha honra — disse o rei.

— Faça jejum comigo pelo resto da noite — disse o sábio.

E assim fez o rei, ainda que isso lhe fosse aflitivo, pois tinha empenhado sua palavra real, e nenhum rei de Munster podia

transgredi-la.

Pela manhã, MacConglinney pediu bacons tenros, carne em conserva, mel no favo e sal inglês em um prato trabalhado em prata. Acendeu um fogo com lenha de carvalho, sem fazer fumaça e sem estalos e chispas.

Fez espetos com porções de carne e pôs-se a trabalhar para assá-las. Depois pediu:

— Cordas, cordões e cordames aqui!

Cordas, cordões e cordames foram trazidos para ele. Veio também o mais forte dos guerreiros.

Pegaram o rei, amarraram-no com firmeza e o prenderam com laçadas e presilhas. Depois de estar o rei dessa forma preso, MacConglinney sentou-se no chão diante dele, tirou a faca do cinto, cortou porções de carne dos espetos e mergulhou cada bocado no mel. Em seguida, após passar as porções diante da boca do rei, levava-as à própria boca.

Logo que viu que não receberia nada, estando em jejum há 24 horas, o rei berrou e vociferou e esbravejou, e ordenou a execução do sábio. Mas nada foi feito para atendê-lo.

— Escuta, rei de Munster — disse MacConglinney —, apareceu-me uma visão na noite passada, e eu a contarei a você.

Começou seu relato e, enquanto o fazia, pegava bocados após bocados, passava-os diante da boca de Cathal e depois levava-os à própria boca.

*Um lago de leite eu vi
no meio de uma planície bela
com uma casa bem provida perto.
Seus telhados eram cremosos,
os caibros, pudins delicados,
as duas portas, manjares aromáticos,
as camas, bacons suculentos,
de queijo, suas sebes,
linguiças, suas vigas e esteios.
Era uma casa abundante de delícias.
Opulentos seus tesouros gostosos.*

Tal foi a visão que tive, e uma voz sussurrava-me aos ouvidos: “Vá embora já, MacConglinney, pois você não pode comer essa comida”. “Que devo fazer?”, perguntei, pois a visão daquelas

delícias tinha me causado um apetite voraz. A voz mandou-me ir então ao eremitério do doutor Wizard; lá eu teria apetite para todo tipo de comida succulenta, doce e condimentada aceitável ao corpo. Lá, vi diante de mim um lago; em seu ancoradouro havia um barco feito de carne; seus bancos eram coalhada, sua proa, carne recheada de bacon, sua popa, creme, seus remos, fatias de carne. Remei pela larga extensão desse novo lago de leite, pelos mares de sopa, passei diante de fozes de rios de carne, atravessei ondas impetuosas de creme de leite espumoso, piscinas sem-fim de recheios de carne e bacons saborosos, por ilhas de queijo, por cabos de coalhadas e, por fim, alcancei a terra firme entre o Monte Cremoso e o Lago de Leite, na terra D'Antigas-Iguarias, em frente ao eremitério do doutor Wizard. Maravilhoso, de fato, o eremitério. Em torno dele havia setecentos mourões de bacon, todos iguais, e, nos topos, em vez de espinhos, havia em cada um carne succulenta recheada de bacon. Havia um portão de creme cuja tranca era de linguiça. Vi ali um guarda, o Senhorzinho Bacon, filho de Manteiguinhas, que era filho de Lardopolo.³ Ele calçava sandálias macias de bacon; em torno das pernas trazia meias de carne cozida; o corpo trazia uma túnica de carne em conserva; a cintura, um cinto de pele de salmão; a cabeça, um capuz de manjar branco; montava um cavalo de bacon cujas patas eram de manjares, os cascos, de pão de aveia, as orelhas, de nata, e os dois olhos, de mel; nas mãos trazia um chicote cujas cordas eram pudins maravilhosos, e a calda succulenta que escorria de cada um desses pudins podia matar a fome de um homem comum.

Entrei e encontrei o doutor Wizard; tinha nas mãos luvas de alcatra e punha ordem na casa, que ostentava, por todo lado, do teto até o chão, vísceras suspensas.

Entrei na cozinha e ali encontrei o filho do doutor Wizard, que trazia nas mãos um anzol feito de lardo, e a linha era de tutano. Ele estava pescando em um lago de soro. Nesse momento, ele pescava uma fatia de presunto, e depois pescou um filé de carne defumada. Enquanto pescava, caiu dentro do lago e quase se afogou.

No momento em que meus pés pisaram a soleira da casa, vi uma cama cremosa de brancura perfeita; sobre ela me sentei, mas me afundei até a raiz dos cabelos. Os oito homens mais fortes da

casa me puxaram pelos cabelos e só com muito esforço me tiraram dali.

Então fui levado ao doutor Wizard:

— O que te aflige? — perguntou-me.

— Meu desejo é poder satisfazer minha avidez e comer o suficiente de todas essas maravilhosas iguarias do mundo que estão diante de mim. Mas infeliz que sou! Grande é meu infortúnio, pois não posso obter nenhuma delas.

— Ó céus! — disse o doutor — essa doença é preocupante. Mas levarás contigo um remédio que vai curar tua doença e te livrar para sempre desse mal.

— Qual remédio? — perguntei.

— Quando fores para casa esta noite, aqueça-te diante de um fogo com lenha de carvalho ardente. Prepara o fogo em uma lareira seca para que as brasas possam aquecer-te; o calor delas não te pode queimar, a fumaça não te pode atingir. Faz para ti trinta e seis porções, e cada porção tão grande quanto um ovo de ave do campo; em cada porção, põe oito tipos de grão, de trigo e cevada, aveia e centeio; oito tipos de ervas e, para cada erva, oito tipos de tempero. Logo que tenhas preparado tua comida, toma uma dose de bebida, uma dose minúscula, apenas a quantidade suficiente para vinte homens, seja de leite grosso, de leite amarelo de vaca recém-parida, de leite que borbulha enquanto desce pela garganta. Seja qual for a doença que tenhas, ela desaparecerá depois que tiveres feito isso. Vá agora, em nome do queijo, que te proteja o bacon suculento, que te proteja o creme espumante, que te proteja o caldeirão cheio de sopa.

Nessa altura, enquanto MacConglinney narrava sua visão, aconteceu que, com o prazer da narrativa e da descrição dessas numerosas delícias, o doce aroma das porções adoçadas assando nos espetos, a besta gluttona que morava dentro do rei saiu e ficou lambendo os beiços.

MacConglinney levou dois espetos de carne aos lábios do rei, que estava ávido para saboreá-los — espeto, carne e tudo. Ele então desviou os espetos a um braço de distância do rei e a besta gluttona pulou da garganta de Cathal sobre os espetos. MacConglinney jogou-os nas chamas e virou o caldeirão da casa

sobre o fogo. A casa foi esvaziada para que nem o valor de uma perna de besouro fosse deixado em seu interior, e quatro fogueiras imensas foram acesas em seus quatro cantos. Quando a casa se transformou em uma torre de chamas imensas, a besta gluttona saltou para a viga do palácio; nesse ponto, desapareceu e nunca mais foi vista.

Quanto ao rei, uma cama foi preparada para ele com um acolchoado de penas; os músicos e cantores o divertiram desde o meio-dia até o pôr do sol. Depois que se levantou, deu ao sábio estes prêmios: uma vaca e uma ovelha de cada casa e de cada herdade de Munster. Além do mais, enquanto viveu, MacConglinney é que trinchava a carne do rei e era ele quem se sentava ao seu lado direito.

Assim Cathal, rei de Munster, foi curado de seus tormentos e MacConglinney foi honrado.



¹ Bebida alcoólica preparada com mel, ervas aromáticas e água. (N. T.)

² Antiga unidade de medida. (N. T.)

³ Na composição do nome, “lardo” é uma iguaria preparada com carne e recheio de bacon. (N. T.)

A BATALHA DOS PÁSSAROS



Quero contar-lhe uma história sobre a corruíra.⁴ Era uma vez um fazendeiro que procurava um empregado para trabalhar no campo. A corruíra o encontrou e disse:

— O que você procura?

— Estou procurando um empregado — disse o fazendeiro à corruíra.

— Você me empregaria? — disse a corruíra.

— Você, sua pobre criatura? O que você poderia fazer?

— Teste-me — disse a corruíra.

Então ele a empregou, e o primeiro trabalho que ele lhe deu foi debulhar os grãos no celeiro. A corruíra debulhou os grãos (com o quê? Certamente com um mangual) e deixou escapar um grão. Um camundongo saiu de sua toca e o comeu.

— Aviso-o para não fazer isso de novo — disse a corruíra.

Debulhou de novo, e deixou escapar dois grãos.

Lá veio o camundongo de novo e os comeu. Então combinaram uma luta para ver quem era mais forte: a corruíra trouxe doze pássaros, e o camundongo trouxe toda a sua tribo.

— Você está com toda a sua tribo — disse a corruíra.

— Assim como você — disse o camundongo, e esticou a perna orgulhosamente.

Mas a corruíra a quebrou com o mangual,⁵ e iniciou-se uma batalha acirrada ao cair da tarde. Todas as criaturas e os pássaros foram ver a batalha. O filho do rei de Tethertown disse que também

iria vê-la e que voltaria trazendo a seu pai, o rei, a notícia sobre quem, de fato, seria o rei das criaturas naquele ano.

A batalha já havia terminado quando ele chegou, com exceção de uma luta, entre um grande corvo negro e uma serpente. A serpente estava enrolada no pescoço do corvo, o corvo mantinha a garganta da serpente sob o seu bico, e parecia que a cobra sairia vitoriosa sobre o corvo. Quando o filho do rei viu aquilo, resolveu ajudar o corvo e, com um golpe, arrancou a cabeça da serpente. Quando o corvo recuperou o fôlego e viu a serpente morta, disse:

— Pela sua gentileza de hoje eu lhe darei a oportunidade de ver algo. Suba na base das minhas asas.

O filho do rei colocou as mãos ao redor do corvo, junto às suas asas, e a ave levou-o em seu voo sobre nove cumes de montanha, nove ravinas e nove pântanos nas montanhas.

— Agora — disse o corvo — está vendo aquela casa lá embaixo? Vá até lá. Uma de minhas irmãs mora nela, e tenho certeza de que você será bem-vindo. E se ela perguntar: “Você esteve na batalha dos pássaros?”, diga que sim. E se ela perguntar: “Você viu alguém como eu?”, diga que sim, mas esteja certo de me encontrar amanhã de manhã aqui, neste mesmo lugar.

O filho do rei foi muito bem tratado naquela noite. Recebeu comida de todo tipo, bebidas diversas, água quente para os pés e uma cama macia para seu corpo cansado.

No dia seguinte, o corvo levou-o para ver a mesma paisagem, voando sobre seis cumes de montanha, seis ravinas e seis pântanos nas montanhas.

Eles viram uma casa ao longe, mas, apesar da distância, alcançaram-na rapidamente. Lá, morava outra irmã do corvo. O príncipe foi muito bem tratado naquela noite, como na anterior — muita comida e bebida, água quente para os seus pés e uma cama macia para o seu corpo cansado —, e, no dia seguinte, foi a mesma coisa: voou sobre mais três cumes de montanha, três ravinas e três pântanos nas montanhas.

Na terceira manhã, porém, em vez do corvo, quem veio ao seu encontro foi o mais belo rapaz que já havia visto, com anéis de ouro no cabelo e um pacote na mão.

— Agora — disse o rapaz —, você deverá voltar pelo mesmo caminho e passar cada uma das noites nas mesmas casas de antes; mas não perca este pacote que lhe estou dando, até chegar ao lugar em que mais gostaria de ficar.

O filho do rei virou as costas para o rapaz e olhou na direção da casa de seu pai. Alojou-se nas casas das irmãs do corvo, como na viagem de ida. Porém, ao aproximar-se da casa de seu pai, foi obrigado a passar por uma floresta espessa. Teve a impressão de que o pacote que carregava ia ficando cada vez mais pesado e pensou em ver o que havia dentro dele.

Quando abriu o pacote, ficou atônito. Num piscar de olhos, viu o lugar mais fantástico que jamais vira. Um enorme castelo e um pomar em volta dele, no qual havia todo tipo de frutas e ervas. Ficou parado ali, maravilhado e arrependido por ter aberto o pacote, pois não tinha o poder de fechá-lo novamente. Na verdade, ele gostaria que aquele lindo castelo estivesse no bonito terreno diante da casa de seu pai. Mas, quando olhou para cima, viu um enorme gigante caminhando em sua direção.

— Um lugar muito ruim esse em que você resolveu construir a sua casa, ó filho do rei — disse o gigante.

— Sim, mas não era aqui que eu gostaria de construí-la, foi um acidente isso ter acontecido justamente aqui — disse o filho do rei.

— Qual seria a minha recompensa se eu colocasse tudo de volta no pacote onde estava antes?

— Que recompensa você me pediria em troca? — disse o filho do rei.

— Que você me dê seu primeiro filho, quando ele tiver sete anos de idade — disse o gigante.

— Se eu tiver um filho, você o obterá — disse o filho do rei.

Num piscar de olhos, o gigante colocou o jardim, o pomar e o castelo dentro do pacote, do jeito que estavam antes.

— Agora — disse o gigante — vá pelo seu próprio caminho, e eu irei pelo meu; mas não se esqueça de sua promessa. Se você se esquecer, eu o lembrarei.

O filho do rei retomou seu caminho e, após alguns dias, chegou ao lugar de que mais gostava. Abriu o pacote, e o castelo apareceu

na sua frente, como da vez anterior. E, quando abriu a porta do castelo, viu a mais bela jovem que já tinha visto.

— Entre, filho do rei — disse a bela jovem. — Tudo ficará bem se você se casar comigo hoje mesmo.

— Que assim seja — disse o filho do rei.

E no mesmo dia eles se casaram. Contudo, no final de sete anos e um dia, quem aparece no castelo senão o próprio gigante, que foi lembrar o filho do rei de sua promessa? Mas o filho do rei ainda não contara nada à rainha e resolveu fazê-lo.

— Deixe o assunto entre mim e o gigante — disse a rainha.

— Dê-me seu filho — disse o gigante. — Cumpra a sua promessa.

— Você o terá — disse o rei — quando sua mãe terminar de arrumá-lo para a viagem.

A rainha vestiu o filho do cozinheiro e deu-o ao gigante, que o segurou pela mão. Os dois foram embora. Eles não haviam caminhado muito quando o gigante colocou uma vara na mão do menino e perguntou:

— Se seu pai tivesse uma vara como esta em sua mão, o que ele faria com ela?

— Se meu pai tivesse uma vara na mão, ele bateria nos cães e nos gatos para que não se aproximassem da comida do rei — disse o rapazinho.

— Você é o filho do cozinheiro — disse o gigante.

Então pegou-o pelos tornozelos, jogou-o atrás da grande pedra que estava ao seu lado e voltou ao castelo furioso e enlouquecido, dizendo que, se não lhe dessem o filho do rei, a mais alta pedra do castelo passaria a ser a mais baixa.

A rainha disse ao rei:

— Vamos tentar de novo. O filho do mordomo tem a mesma idade que o nosso.

Ela vestiu o filho do mordomo e entregou-o para o gigante, que o segurou pela mão. Mas depois de algum tempo de caminhada, o gigante colocou a vara na mão do menino e disse:

— Se seu pai tivesse uma vara como esta na mão, o que ele faria com ela?

— Ele bateria nos cães e nos gatos para que não se aproximassem das garrafas e dos copos do rei.

— Você é o filho do mordomo — disse o gigante, e jogou-o para longe também.

O gigante voltou para o castelo com muita raiva. A terra tremia sob seus pés, e o castelo balançava, com tudo o que havia dentro dele.

— Tragam seu filho para fora — gritou o gigante —, ou num piscar de olhos a pedra mais alta do castelo será a mais baixa.

Então eles tiveram de dar o próprio filho ao gigante.

Depois de terem se afastado um pouco do local, o gigante mostrou ao menino a vara que estava em sua mão e disse:

— O que seu pai faria com esta vara?

O filho do rei disse:

— Meu pai tem uma vara muito melhor do que essa.

E o gigante perguntou-lhe:

— E onde o seu pai fica quando usa essa vara?

E o filho do rei disse:

— Ele fica sentado em seu trono real.

Então o gigante entendeu que era a criança certa. Levou-o para casa e criou-o como se fosse seu próprio filho. Um dia, quando o gigante estava fora, o rapaz ouviu uma música doce como jamais ouvira, vinda de um recinto no topo da casa. De relance, viu o rosto mais lindo que já vira numa jovem. Ela lhe pediu que se aproximasse, disse que seu nome era Auburn Mary, mas pediu-lhe que fosse embora e que voltasse ali à meia-noite.

Ele cumpriu o que havia prometido. A filha do gigante apareceu ao seu lado num piscar de olhos e disse:

— Amanhã você terá de escolher uma esposa entre as minhas duas irmãs mais velhas, mas diga que não quer nenhuma delas, que só quer a mim. Meu pai deseja que eu me case com o filho do rei da Cidade Verde, mas eu não gosto dele.

Na manhã seguinte, o gigante levou para fora suas três filhas e disse:

— Filho do rei de Tethertown, você não perdeu nada ao viver comigo por tanto tempo. Receberá como esposa uma das minhas

filhas mais velhas e poderá levá-la para casa um dia depois do casamento.

— Se você me der como esposa a mais jovem das três — disse o filho do rei —, farei o que você quiser.

O gigante ficou furioso e disse:

— Antes de consegui-la, você terá de fazer três coisas para mim.

— Diga-me quais são — disse o filho do rei.

O gigante levou-o ao estábulo.

— Pois bem — disse o gigante. — Cem cabeças de gado estão alojadas aqui, e há sete anos este lugar não é limpo. Voltarei para casa agora, e se esse estábulo não estiver limpo até a noite chegar, tão limpo a ponto de uma maçã dourada poder rolar no chão de um lado a outro sem parar, não só não obterá minha filha, como também será o seu sangue fresco e belo que irá saciar minha sede esta noite.

Ele começou a limpar o estábulo, mas era como tirar a água do oceano com um balde. Depois do meio-dia, quando o suor já cobria os seus olhos, a filha mais nova do gigante foi até lá e disse a ele:

— Você está sendo punido, filho do rei.

— Estou sim — disse o filho do rei.

— Venha aqui — disse Auburn Mary —, e descanse seu corpo fatigado.

— É o que farei — disse ele —, de qualquer modo, a morte me espera.

Ele se sentou ao lado dela, e estava tão cansado que adormeceu ao seu lado. Quando acordou, a filha do gigante tinha desaparecido, mas o estábulo estava tão limpo que uma maçã dourada poderia rolar no chão de um lado a outro sem levantar um grão de sujeira. O gigante entrou e disse:

— Você limpou o estábulo, filho do rei?

— Sim, eu o limpei — disse ele.

— Alguém o limpou — disse o gigante.

— De qualquer modo, não foi você quem o limpou — disse o filho do rei.

— Bem, bem! — disse o gigante. — Como você esteve tão ativo hoje, amanhã deverá cobrir todo esse estábulo com penugem de pássaros. Mas não pode haver penas de aves da mesma cor.

O filho do rei já estava de pé antes de o sol nascer, munido de seu arco e de suas flechas para matar os pássaros. Foi até os pântanos e correu atrás deles até o suor lhe cobrir os olhos, mas não estava fácil pegar as aves. E, por volta do meio-dia, quem surge ali, senão a própria Auburn Mary?!

— Você está se cansando demais, ó filho do rei — disse ela.

— Estou sim — disse ele, que só conseguira matar dois pássaros negros, e ambos da mesma cor.

— Venha aqui e descanse seu corpo fatigado sob esse belo outeiro — disse a filha do gigante.

— É disso mesmo que eu preciso.

Ele pensou que ela o ajudaria dessa vez também e sentou-se ao seu lado, adormecendo logo em seguida. Quando acordou, Auburn Mary tinha ido embora. Ele pensou em voltar para casa, quando viu o estábulo coberto de penas. Quando o gigante chegou, perguntou-lhe:

— Você cobriu o estábulo, filho do rei?

— Eu o cobri — disse ele.

— Alguém o cobriu — disse o gigante.

— E não foi você — disse o filho do rei.

— Não, não fui eu! — disse o gigante. — Agora, há um pinheiro atrás daquele lago ali embaixo, com um ninho de pegas⁶ no seu topo. Nele, você encontrará ovos. Eu quero comê-los no meu desjejum. Há cinco ovos no ninho, e, quando você os entregar a mim, nenhum deles deverá estar quebrado ou rachado.

De manhã cedo, o filho do rei foi até o lugar onde deveria estar a árvore, e não foi difícil encontrá-la. Não havia outra igual em todo o bosque. Da base até o primeiro galho, media 150 metros. Ele tentou subir nela várias vezes, sem sucesso. Então apareceu aquela pessoa que sempre vinha ajudá-lo.

— Você está acabando com a pele de suas mãos e de seus pés.

— Oh! Estou sim — disse ele. — Tento subir, mas, a cada tentativa, desço mais do que subo.

— Não pode parar agora — disse a filha do gigante. — Terá de me matar, arrancar a carne de meus ossos, separá-los uns dos outros e usá-los como degraus para subir na árvore. Enquanto estiver subindo, eles se colarão no tronco como se tivessem

crescido nele, mas, ao descer, depois de ter apoiado os pés em cada um deles, eles cairão sobre sua mão quando você os tocar. Tenha certeza de pisar em cada um dos ossos. Não deixe nenhum intocado; se o fizer, ele ficará para trás. Coloque toda a minha carne neste pano limpo e deixe-o ao lado da fonte, junto às raízes da árvore. Quando descer ao chão, junte todos os meus ossos, coloque a carne sobre eles, borrife-os com a água da fonte e eu surgirei na sua frente, viva de novo. Mas não esqueça nenhum dos meus ossos sobre a árvore.

— Mas como poderei matá-la — perguntou o filho do rei — depois de tudo que fez por mim?

— Se não me obedecer, tanto você quanto eu estaremos perdidos — disse Auburn Mary. — Você precisa subir na árvore; e para subir, precisa fazer o que estou lhe dizendo.

O filho do rei obedeceu. Matou Auburn Mary, cortou a carne de seu corpo e separou-a dos ossos, como ela lhe havia dito para fazer.

Ao subir, ele pressionou os ossos do corpo de Auburn Mary contra o tronco da árvore, usando-os como degraus, até pisar no último osso e chegar ao ninho. Pegou os ovos e desceu pisando em cada um dos ossos, levando-os consigo para baixo, até chegar ao último osso, que estava tão perto do chão que ele se esqueceu de tocá-lo com o pé.

Então juntou todos os ossos de Auburn Mary ao lado da fonte, ordenadamente. Colocou a carne sobre eles e borrifou-a com a água da fonte. A jovem se levantou na sua frente e disse:

— Eu não falei para não deixar nenhum osso de meu corpo intocado? Estou aleijada pelo resto de minha vida! Você deixou meu dedo mínimo na árvore, sem tocá-lo! Fiquei só com nove dedos! Agora — continuou ela —, vá para casa depressa com os ovos. Você me receberá em casamento esta noite se conseguir me reconhecer. Eu e minhas duas irmãs estaremos usando as mesmas roupas, penteadas e arrumadas do mesmo jeito, mas você deverá olhar para mim quando meu pai disser: “Vá ao encontro de sua esposa, filho do rei”. Você verá a minha mão sem o dedo mínimo.

O príncipe fez como a jovem lhe dissera e deu os ovos ao gigante.

— Sim, sim! — disse o gigante —, prepare-se para o seu casamento.

Então aconteceu a festa de casamento, e que festa! Gigantes, cavaleiros e o filho do rei da Cidade Verde, todos estavam presentes. Os noivos se casaram, e a dança começou. E que dança! A casa do gigante estremeceu de cima a baixo.

Mas chegou a hora de todos irem dormir, e o gigante disse:

— Está na hora de vocês descansarem. Ó filho do rei de Tethertown, escolha a sua noiva.

Conforme combinado, a mais nova estendeu a mão na qual faltava o dedo mínimo, e ele levou a noiva pela mão.

— Acertou novamente; mas não tenha tanta certeza de que conseguirá encontrá-la de novo — disse o gigante.

Então os dois foram descansar.

— Agora — disse ela —, não durma. Se dormir, será um homem morto. Precisamos ir depressa, muito depressa, pois certamente meu pai irá matá-lo.

Eles saíram rapidamente, foram até o estábulo e montaram na égua cinzenta.

— Espere um pouco — disse ela. — Conheço um bom truque para o velho herói.

Ela correu para dentro e cortou uma maçã em nove pedaços. Colocou dois pedaços na cabeceira da cama, dois no pé da cama, dois na porta da cozinha, dois na porta principal, e o último, no lado de fora da casa.

O gigante despertou e disse:

— Você está dormindo?

— Ainda não — disse o pedaço de maçã que estava na cabeceira da cama.

Depois de algum tempo ele chamou de novo:

— Ainda não — disse o pedaço de maçã que estava no pé da cama.

Algum tempo depois ele chamou novamente:

— Está adormecida?

— Ainda não — disse o pedaço de maçã junto à porta da cozinha.

O gigante chamou de novo.

O pedaço de maçã que estava junto à porta principal respondeu.

— Você está se afastando de mim — disse o gigante.

— Ainda não — disse o pedaço de maçã do lado de fora da casa.

— Está voando — disse o gigante.

Ele levantou rapidamente e foi até a cama da filha, que estava fria e vazia.

— Minha própria filha está me enganando com seus truques — disse o gigante. — Vou atrás deles — disse ele.

Ao nascer do dia, a filha do gigante disse que a respiração de seu pai estava queimando suas costas.

— Coloque depressa a mão na orelha da égua cinzenta — disse ela —, e o que quer que encontre ali, atire para trás de nós.

— Há um galho de abrunheiro — disse ele.

— Atire-o para trás — disse ela.

Assim que ele o atirou, surgiram mais de 30 quilômetros de mata, cheia de arbustos de espinheiros, tão espessa que quase não permitia a passagem de uma doninha.

O gigante veio correndo e esfolou toda a cabeça e o pescoço nos espinhos.

— São os truques de minha filha de novo — disse o gigante. — Mas se eu tivesse meu grande machado e meu facão aqui comigo, não demoraria muito para abrir caminho através desse matagal.

Voltou para casa a fim de pegar o machado e o facão, e logo conseguiu abrir caminho no meio dos espinheiros.

— Deixarei o machado e o facão aqui até eu voltar — disse ele.

— Se você os deixar, deixar aqui — disse um corvo empoleirado numa árvore —, nós os roubaremos, nós os roubaremos.

— Se vocês pretendem fazer isso — disse o gigante —, então é melhor eu levar as ferramentas para casa — e voltou para guardá-las.

Na hora mais quente do dia, a filha do gigante sentiu a respiração do pai queimando suas costas.

— Coloque o dedo na orelha da potranca e atire para trás o que encontrar.

Ele pegou uma lasca de pedra cinzenta, e num piscar de olhos surgiu atrás deles uma enorme área de 30 quilômetros, cheia de

grandes rochas cinzentas.

O gigante apareceu correndo, mas não conseguiu passar pelas pedras.

— Os truques de minha filha são a pior coisa que já me aconteceu — disse o gigante. — Mas se eu tivesse aqui comigo o meu pé de cabra e minha poderosa picareta, não demoraria muito para abrir caminho no meio dessas rochas também.

Não havia nada a fazer senão buscá-los também, e num instante ele quebrou as pedras. Conseguiu rapidamente abrir um caminho no meio das rochas.

— Vou deixar as ferramentas aqui para não precisar voltar.

— Se você as deixar, deixar aqui — disse o corvo —, vamos roubá-las, roubá-las.

— Faça isso, se quiser. Não há tempo para voltar.

No momento em que já haviam afrouxado a guarda, a filha do gigante disse que estava sentindo a respiração do pai queimando suas costas.

— Procure na orelha da potranca, filho do rei, ou estaremos perdidos.

Foi o que ele fez, e dessa vez encontrou uma bolha de água dentro da orelha do animal. Atirou-a para trás e surgiu um enorme lago de água doce, com 30 quilômetros de comprimento e mais 30 de largura.

O gigante veio correndo, mas, com toda aquela velocidade entrou direto na água, afundou e não apareceu nunca mais.

No dia seguinte, os jovens avistaram a casa do pai do príncipe.

— Agora — disse ela —, meu pai se afogou e não vai mais nos perturbar; mas antes de prosseguirmos, vá até a casa de seu pai e diga-lhe que está comigo; mas não deixe nenhuma criatura beijá-lo, pois se isso acontecer você nunca mais se lembrará de que me viu um dia.

Todos que ele encontrava no caminho saudavam-no e desejavam-lhe boa sorte, e ele pediu ao pai e à mãe que não o beijassem; mas como tinha de ser, havia uma grande cadela dentro da casa que o reconheceu e pulou em seu colo até tocar sua boca, e depois disso ele não se lembrou mais da filha do gigante.

Ela ficou sentada ao lado de um poço desde o momento em que o príncipe a deixara, mas esperou em vão pelo seu retorno. Ao cair da noite, ela subiu num carvalho ao lado do poço e deitou-se no galho da árvore. Perto do poço morava um sapateiro e, no dia seguinte, ele pediu à esposa que fosse pegar água para ele beber. Quando a esposa do sapateiro chegou ao poço e viu o reflexo da moça que estava em cima da árvore, pensou ser a sua própria imagem. Ela jamais imaginara ser tão bela, então jogou ao chão a jarra que segurava, que se quebrou em mil pedacinhos. Voltou para casa sem jarra e sem água.

— Onde está a água, mulher? — perguntou o sapateiro.

— Seu desajeitado, desprezível velho grosseirão, sem graça, já fui sua serva tempo demais.

— Acho, minha mulher, que você enlouqueceu. Vá, minha filha, vá depressa buscar água para seu pai.

A filha do sapateiro foi, e a mesma coisa aconteceu com ela. Até então ela jamais imaginara ser tão bela, e voltou para casa muito cheia de si.

— Dê-me a água para beber — disse seu pai.

— Seu velho grosseirão! Acha mesmo que eu nasci para ser sua criada? — Respondeu a filha.

O pobre sapateiro pensou que elas tivessem ficado doidas e foi pessoalmente até o poço. Viu a imagem da donzela refletida na água, então olhou para cima e viu, sentada na árvore, a mais bela mulher que já vira em toda a sua vida.

— Seu assento é precário, mas seu rosto é lindo — disse o sapateiro. — Desça, vou precisar de você lá em casa por algum tempo.

O sapateiro percebeu que a imagem dela é que deixara sua família enlouquecida. Então ele a levou para sua casa, disse que tinha só uma pobre choupana, mas que tudo o que havia lá dentro seria partilhado com ela.

Certa vez, o sapateiro ficou com pressa de terminar um serviço urgente, pois naquele mesmo dia o filho do rei se casaria. Estava indo para o castelo para levar os sapatos dos jovens, quando a donzela disse:

— Eu gostaria de dar uma olhada no filho do rei antes que ele se case.

— Venha comigo — disse o sapateiro —, eu conheço bem os criados do castelo, e você poderá dar uma olhada no filho do rei e em todos os seus companheiros.

Quando os nobres viram a bela mulher que estava ali, eles a levaram ao salão da festa e encheram um copo de vinho para ela. Quando ela estava prestes a beber o vinho, uma chama subiu de dentro do copo e uma pomba dourada e outra prateada saltaram para fora. Começaram a voar pelo salão, e, subitamente, três grãos de cevada caíram no chão. A pomba prateada saltou sobre eles e os comeu.

A pomba dourada disse:

— Se você se lembrasse de que eu limpei o estábulo, não comeria tudo sem dar um pouco para mim.

Novamente caíram três outros grãos de cevada no chão, e a pomba prateada saltou e comeu-os, como fizera antes.

— Se você se lembrasse de que eu cobri com penas o telhado do estábulo, não comeria tudo sem me dar a minha parte — disse a pomba dourada.

Três outros grãos caíram, e a pomba prateada saltou em cima deles e os comeu.

— Se você se lembrasse de que eu o ajudei a roubar os ovos do ninho da pega, não comeria tudo sem me dar a minha parte — disse a pomba dourada. — Perdi meu dedo mínimo trazendo-os para baixo e quero-o de volta.

O filho do rei se lembrou de tudo e soube quem estava diante dele.

— Bem — disse o filho do rei para os convidados da festa —, quando eu era um pouco mais jovem do que sou agora, perdi a chave de um porta-joias. Mande fazer uma nova chave, mas, quando a trouxeram para mim, encontrei a chave antiga. Agora quero que qualquer um de vocês me diga o que devo fazer. Com qual das chaves devo ficar?

— Meu conselho — disse um dos convidados — é que você fique com a chave antiga, porque ela se encaixa melhor na fechadura e você está mais acostumado com ela.

Então o filho do rei se levantou e disse:

— Agradeço-lhe muito o sábio conselho e a palavra honesta. Esta é minha noiva, a filha do gigante, a mulher que salvou minha vida arriscando a sua própria. Eu me casarei com ela, e com nenhuma outra.

Assim o filho do rei casou-se com Auburn Mary, e o casamento durou muito e todos foram muito felizes. Mas tudo o que eu consegui foi manteiga na brasa, mingau numa cesta, e ainda por cima me mandaram beber água no córrego, e os sapatos de papel se estragaram.

⁴ Pequena ave de canto agradável, com penas pardas levemente avermelhadas. (N. E.)

⁵ Instrumento para malhar cereais. (N. E.)

⁶ Ave europeia da família dos corvídeos; suas penas são pretas na maior parte do corpo, mas apresenta abdome branco e asas azuis. (N. E.)

OS FILHOS DE LIR



Aconteceu que cinco reis da Irlanda se reuniram para decidir quem, entre eles, deveria ser o principal soberano. O rei Lir, da Colina de White Field, estava certo de que seria o escolhido, mas os nobres, em conselho, elegeram Dearg, filho de Daghdá, como o primeiro rei, porque seu pai tinha sido um grande druida e ele era o mais velho dos seus filhos. Lir, indignado, abandonou o conselho dos reis e foi para sua morada na Colina de White Field. Os demais reis desejaram ir em seu encalço e ofendê-lo com lanças e espadas por não render obediência ao homem a quem deram o domínio supremo. Mas Dearg, o soberano, não desejava isso e disse:

— Melhor prendê-lo a nós pelos laços do parentesco, a fim de que a paz possa reinar em nossa terra. Ofereçamos a ele a escolha de uma esposa entre as três virgens mais belas e mais reputadas de Erin, as minhas três filhas de criação, nascidas de Oilell de Aran.



Os mensageiros levaram a Lir a mensagem de que Dearg, o soberano, lhe oferecia uma de suas filhas de criação. Ele acolheu bem esse oferecimento e, no dia seguinte, partiu da Colina de White Field com cinquenta carruagens rumo ao Lago dos Olhos Vermelhos, próximo a Killaloe.

Estando diante das três filhas de Oilell, Dearg, o soberano, disse-lhe:

— Escolhe uma das virgens, Lir.

— Não sei que melhor escolha posso fazer entre todas — disse Lir —, porém, a mais velha é a mais nobre. É ela que devo tomar por esposa.

— Sendo assim, Ove é a mais velha, e te será dada conforme teu desejo — disse Dearg, o soberano.

Lir e Ove casaram-se e foram para a Colina de White Field. Depois tiveram filhos gêmeos, um menino e uma menina, que receberam o nome de Fingula e Aod. Mais dois filhos vieram, Fiachra e Conn. Ove morreu quando lhes deu à luz, e Lir chorou sentidamente sua morte. Teria ele próprio morrido de dor, não fosse o grande amor que nutria pelos filhos.

Dearg, o soberano, lamentou por Lir e enviou-lhe uma mensagem dizendo: “Lamentamos Ove por ti; porém, nossa amizade não deve se romper por esse acontecimento e, por essa razão, eu te darei a irmã de Ove, Oifa, para esposa”.

Lir aceitou, casou-se com ela e a conduziu para sua casa. Inicialmente, Oifa sentiu afeição pelos filhos de Lir e os honrou. De fato, todos que viam aquelas quatro crianças não conseguiam deixar de amá-las profundamente. Lir os protegia, deixando-os sempre dormir em leitos que ficavam diante do seu. Costumava levantar-se cedo a cada manhã e deitar-se entre os filhos. Logo, por conta desses cuidados paternos, o dardo do ciúme atingiu Oifa, que passou a sentir pelas crianças ódio e inimizade. Certo dia, a carruagem foi preparada, ela tomou as crianças e as acomodou no carro.

Fingula não desejava ir, pois à noite tinha tido um sonho que a prevenia contra Oifa. Entretanto, não podia evitar seu destino.

Logo que a carruagem alcançou o Lago dos Carvalhos, Oifa disse aos criados:

— Matai os quatro filhos de Lir e vos darei recompensas das mais variadas que há no mundo.

Eles recusaram-se a fazê-lo e disseram-lhe que ela nutria com isso uma intenção maligna. Ela própria teria erguido a espada para matar as crianças, mas algo de seu sentimento de mulher evitou que o fizesse. Fez que fossem ao lago banharem-se, e eles obedeceram. Logo que entraram na água, ela brandiu a varinha druídica de encantamento e magia e os transformou em quatro cisnes belos e inteiramente brancos. Em seguida, entoou esta canção:

*Exilados ireis sobre as ondas bravias, filhos do rei!
Doravante, vossas vozes soarão entre os pássaros.*

Fingula respondeu:

*És má! Conhecemos-te pelo teu justo nome!
Tu nos impõe vagar de corrente em corrente,
mas algum repouso teremos nos promontórios.
Receberemos alívio, e tu, punição.
Que nossos corpos habitem os lagos.
Nossos espíritos, esses voarão rumo ao lar.*

Em seguida, novamente Fingula falou:

— Diz-nos quando terá fim a ruína e a aflição a que nos condenaste.

Oifa deu uma gargalhada e disse:

— Não sereis libertados até que uma mulher vinda do Sul se una em casamento com um homem vindo do Norte, até que Lairgnen de Cannaught despose Deoch de Munster; nem poder algum vos poderá devolver a forma. Novecentos anos vagareis nas correntes e nos lagos de Erin. Posso assegurar-vos apenas de que conservareis o poder da fala e de que não haverá música no mundo igual à que ireis cantar, nem mais comovente.

Assim falou porque o arrependimento já a perseguia pelo mal que acabara de fazer.

Em seguida, entoou essa canção:

*Afastai-vos de mim, vós, filhos de Lir.
Doravante tereis o jogo dos ventos brutais
até que Lairgnen e Deoch se unam,*

*até que estejais no noroeste de Red Erin.
A espada da traição fere o coração de Lir,
de Lir, o poderoso campeão.
Ainda que eu, a espada tenha vibrado,
minha vitória despedaça-me até a alma.*

Retrocedeu os cavalos e seguiu para o castelo de Dearg, o soberano. Os nobres da corte perguntaram-lhe onde estavam os filhos de Lir, ao que ela respondeu:

— Lir não confia deixá-los aos cuidados de Dearg, o soberano.

Dearg suspeitou que Oifa tivesse praticado alguma traição contra as crianças e, por isso, enviou mensageiros ao palácio de White Field. Lir perguntou a eles:

— Por que razão vieram?

— Viemos buscar vossos filhos — responderam.

— Não chegaram lá com Oifa? — perguntou Lir.

— Não chegaram, e Oifa disse que Vossa Majestade não permitiu que fossem com ela.

Lir ouviu essas palavras com tristeza e melancolia, pois sabia que Oifa tinha causado dano a seus filhos, e partiu na direção do Lago dos Olhos Vermelhos. Logo que o viu aproximar-se, Fingula cantou:

*Bem-vindo, tropel de cavalos
que ao Lago d'Olhos Vermelhos vem.
Um séquito temível e mágico
certamente nos procura.
Nademos até a margem, ó Aod,
Fiachra, e tu, belo Conn.
Não serão esses cavaleiros outra hoste
senão o rei Lir com sua poderosa casa.*

Enquanto assim cantava, o rei Lir chegou às margens do lago e ouviu os cisnes falando como humanos. Conversou com eles e lhes perguntou quem eram. Fingula respondeu dizendo:

— Somos os teus filhos, que tua esposa, irmã de nossa mãe, arruinou em razão de seu espírito maligno e de seu ciúme.

— Por quanto tempo ficareis sob esse encantamento?

— Ninguém nos poderá libertar até que uma mulher vinda do Sul e um homem vindo do Norte se unam em casamento, até que Lairgnen de Connaught se case com Deoch de Munster.

A essas palavras, Lir e seu séquito soltaram gritos de dor, choraram e se lamentaram; permaneceram às margens do lago ouvindo a música dos cisnes, até que estes voaram, quando então o rei Lir seguiu para o palácio de Dearg, o soberano. Contou-lhe o que Oifa tinha feito a seus filhos. E o soberano, impondo-lhe seu poder, ordenou a ela que dissesse qual forma sobre a terra achava a mais terrível. Oifa respondeu que o demônio do ar era a mais terrível de todas.

— É a essa forma que eu te condenarei — disse, e, brandindo a varinha druídica de encantamento e magia, transformou-a em um demônio do ar.

Ela alçou voo no mesmo instante e até hoje permanece como um demônio do ar, e assim permanecerá para sempre.

Os filhos de Lir continuaram encantando o clã dos milesianos com a doce e mágica melodia de suas canções. Nunca, em Erin, tinha-se ouvido música que se assemelhasse ao encanto daquela entoada pelos cisnes. Mas, por fim, cumpriu-se o tempo designado, e deviam partir do Lago dos Olhos Vermelhos. Fingula então entoou esta canção de adeus:

*Adeus a ti, Dearg, o soberano,
senhor de todo o saber druida!
Adeus a ti, nosso pai amado,
Lir da Colina de White Field!*

*Partimos para o tempo designado,
distantes e isolados da presença humana.
Viveremos nas correntezas de Moyle
e nossas vestes serão a amargura e o mar salgado,*

*até que Deochi se una a Lairgnen,
assim vamos, os irmãos de outrora faces rosadas.
Deste lago nos apartamos,
separados da gente que nos amou, vamos pesarosos.*

Depois de assim cantarem, alçaram voo, elevaram-se nas alturas, leve e delicadamente, até alcançarem o mar de Moyle, entre Erin e Alba.

Os homens, entristecidos com a partida deles, fizeram anunciar em toda Erin que daquele dia em diante ficava proibido matar ou ferir qualquer cisne.

Os filhos de Lir ficaram completamente solitários, sofrendo frio, intenso pesar e tristeza. Em certa ocasião, uma densa tempestade se abateu sobre eles.

— Meus irmãos, vamos marcar um lugar de encontro, pois a força do vento pode nos separar — disse Fingula.

— Ó, irmã, vamos marcar, como lugar de encontro, o Penhasco de Seals.

As ondas agigantavam-se e os trovões rugiam, relâmpagos rutilavam, a ruidosa tempestade desabava sobre o mar, e os filhos de Lir se perderam uns dos outros sobre o vasto oceano. Veio, contudo, uma plácida calmaria depois que a tormenta passou, e Fingula, vendo-se sozinha, entoou este canto:

*Ai de mim, que viva estou!
Minhas asas congeladas sobre meu corpo.
Ó, irmãos amados, ó, irmãos amados,
que aninhei ao abrigo de minhas penas,
a menos que desse inverno a vida retorne,
eu e meus irmãos outra vez não nos veremos!*

E voou para o Lago de Seals. Logo viu Conn, todo encharcado, avançando com dificuldade em sua direção; Fiachra vinha também todo molhado, abatido e judiado. Não conseguiram falar, tão gelados e desfalecidos estavam. Ela os aninhou sob as asas e disse:

— Se Aod viesse juntar-se a nós, a nossa felicidade seria completa.

Logo que acabou de dizer essas palavras, viu Aod chegar, mirrado e afagando as penas. Fingula o aconchegou sob as penugens do peito; trouxe Fiachra sob sua asa direita e Conn sob a esquerda; em seguida, cantaram esta canção:

*Perversa nossa madrasta foi
ao nos lançar sua magia.
A nós jogou no mar do norte
na forma de cisnes encantados.*

*Nosso banho nos penhascos à beira-mar
é a espuma das ondas encrespadas,
nosso quinhão de cerveja dos festins
é o sal do mar de cristas azuladas.*

Certo dia, viram aproximar-se um esplêndido tropel de cavalos de total brancura. Eram os três filhos de Dearg, o soberano, que vinham encontrá-los para dar-lhes notícias de Dearg, o soberano, e de Lir, o pai deles.

— Estão bem — disseram — e vivem felizes em tudo, exceto pela vossa ausência e por desconhecerem onde vivem desde o dia em que deixaram o Lago dos Olhos Vermelhos.

— Felizes não somos — disse Fingula.

E cantou esta canção:

*Feliz esta noite é a casa de Lir,
abundante é sua ceia e seu vinho.
Quanto aos filhos de Lir, qual a sua sina?
Por vestes de dormir temos nossas penas,
por ceia e vinho,
a areia branca e o mar amargo.
O berço de Fiachra e o berço de Conn
faço sob minhas asas aqui em Moyle.
O abrigo de Aod é meu peito emplumado.
Assim aconchegados, repousamos lado a lado.*

Os filhos de Dearg, o soberano, partiram de volta para o Palácio de Lir e lhe informaram como viviam seus filhos.

Passou-se o tempo de permanência no mar de Moyle. Alçaram voo e dirigiram-se para a Baía de Erris. Ali viveram o tempo restante do destino decretado, e então alçaram voo rumo à Colina de White Field. Encontraram o lugar desolado e deserto. Nada mais existia senão ruínas de antigas construções e espessas matas de urtigas, que invadiam os espaços: nenhum palácio, nenhum lume, nenhum lar. Os quatro cisnes se aconchegaram e, juntos, soltaram um grito de lamentação. Em seguida, Fingula cantou:

*Ai, que tristeza! A lástima do meu coração
é ver a casa de meu pai desolada.
Nenhuma matilha, nenhum ladrar de cães,
nenhuma mulher, nenhum heroico rei.*

*Nenhum cálice, nem taças,
nem o beber de seus festivos salões.
Ai, que tristeza! Vejo a ruína dessa casa.
O senhorio dela, nosso pai, já não vive.*

*Padecemos o vento açoitador, o frio gélido
nos longos anos de nossa vida vagante;
e agora eis que nos vem a nossa maior dor.
Na casa onde nascemos, já não vivem os que nos são caros.*

Os filhos de Lir voaram dali para a Ilha Glory, de Brandan, o santo. Estabeleceram sua morada no Lago dos Pássaros e ali permaneceram até que St. Patrick veio para Erin e St. Mac Howg veio para a Ilha Glory.

Na primeira noite da chegada do santo, os filhos de Lir ouviram o som dos sinos anunciar as matinas.⁷ Voaram sobressaltados e aterrorizados para lá e para cá. Somente Fingula permaneceu quieta.

— Que acontece, meus irmãos amados? Sabemos que não é nem desconhecido nem temível esse som que ouvimos — e em seguida cantou:

*Ouçamos os sinos cristãos,
sossegai vossas asas e rendei
graças a Deus por sua vinda,
agradecei-o por terem ouvido.*

*Ele vos libertará de vossa dor,
Vos levará dos penhascos e rochas,
Vós, graciosos filhos de Lir,
Ouvi os sinos dos cristãos.*

Mac Howg veio à margem e perguntou-lhes:

— Sois os filhos de Lir?

— Somos, sim — responderam.

— Deus seja louvado! — exclamou o santo. — Foi por vossa causa que cheguei a esta ilha, em vez das outras que há em Erin. Vinde para a terra agora e tende confiança em mim.

Assim fizeram, e o santo fez para eles correntes de prata brilhante. Com uma, ele uniu Aod e Fingula; com a outra, Conn e Fiachra.

Aconteceu que nesse tempo Lairgnen era príncipe de Connaught e estava para se casar com Deoch, filha do rei de Munster. Ela tinha ouvido falar dos pássaros maravilhosos e sentiu desejo de possuí-los. Disse que não se casaria até que tivesse para si as magníficas aves da Ilha Glory. Lairgnen enviou mensageiros a Mac Howg,

pedindo-lhe os cisnes, mas o santo não os entregou. Lairgnen e Deoch foram eles próprios à Ilha Glory.

Ali chegando, Lairgnen foi buscá-los no altar.

No entanto, logo que tocou as aves, elas perderam a forma emplumada, e os três filhos de Lir ressurgiram, agora anciãos magros e débeis; Fingula, uma mulher envelhecida, com o corpo frágil e sem viço. Lairgnen tratou de partir dali rapidamente, e Fingula cantou:

*Vem e nos batiza, ó santo,
retirai-nos nossas máculas!
Nosso túmulo cuido assim disposto:
Fiachra e Conn de cada lado,
e, em meu regaço, entre meus braços,
faça repousar Aod, meu belo irmão.*

Terminado o canto, os filhos de Lir foram batizados. Logo em seguida, morreram. Foram sepultados conforme Fingula dissera: Aod em seu regaço, Fiachra e Conn de cada lado. Uma lápide foi erguida sobre o túmulo, e seus nomes ficaram escritos nas runas. Essa foi a sorte dos filhos de Lir.

⁷ Hora canônica. (N. T.)

A DAMA DO CAVALO E POWEL, O PRÍNCIPE DE DYFED



Powel, o príncipe de Dyfed, era senhor de sete condados. Uma vez, Powel estava em Narberth, seu principal palácio, onde uma festa tinha sido preparada para ele, e consigo estava uma grande hoste de homens. Depois da primeira refeição, Powel levantou-se para caminhar e dirigiu-se ao topo da colina, que ficava acima do palácio e se chamava Gorseth Arberth.

— Senhor — disse alguém da corte —, é extraordinário que não haja quem vá ali que consiga sair sem feridas e sem golpes, ou ainda sem presenciar um prodígio.

— Não tenho medo de receber feridas e golpes entre uma hoste como essa. Quanto ao prodígio, presenciaria um com satisfação. Irei, portanto, e ficarei sobre a colina.

E sentou-se na colina. Enquanto ali estava, viu uma dama em um cavalo todo branco e de tamanho incomum; vinha pelo caminho que levava à colina e usava vestes de dourado brilhante. O cavalo parecia mover-se a um lento e constante passo e seguia rumo à colina.

— Meus homens — disse Powel —, há aqui, entre os senhores, alguém que conhece aquela dama?

— Não há, senhor — disseram.

— Que um dos senhores vá encontrá-la para que possamos saber quem é.

Um deles foi e, enquanto seguia pela estrada para encontrá-la, a dama passou. Ele, indo a pé, seguiu-a tão rápido quanto pôde e, por mais rápida que fosse sua marcha, mais distante ela ficava dele.

Logo que percebeu que de nada lhe aproveitava segui-la, retornou para Powel e disse-lhe:

— Senhor, a qualquer um é inútil segui-la a pé.

— É verdade — disse Powel. — Vá então ao palácio, pegue o cavalo mais veloz que encontrar e siga-a.

E ele assim fez, pegou um cavalo e seguiu avante.

Chegou a uma planície aberta e esporeou o cavalo; quanto mais ele aticava o animal, mais distante ela ficava. Mesmo que ela mantivesse o mesmo ritmo do início. Seu cavalo começou a fraquejar; e quando as patas do animal titubearam, retornou para o ponto onde estava Powel.

— Senhor — disse —, qualquer um que seguir aquela dama não obterá êxito. Não conheço em nosso reino cavalo mais veloz que este, e ele não me ajudou a alcançá-la.

— De fato — disse Powel —, deve haver alguma ilusão nisso. Vamos para o palácio.



Foram, e lá passaram o dia. Na manhã seguinte, ficaram no palácio até a hora do almoço. Após a refeição, disse Powel:

— Vamos, com o mesmo séquito de ontem, ao topo da colina — e, dirigindo-se a um de seus homens, acrescentou: — Pegue o cavalo mais veloz que encontrar nos pastos.

Assim fez o jovem. Depois, eles dirigiram-se para a colina levando o cavalo. Logo que ali se acharam, viram a dama no mesmo cavalo, com os mesmos trajes, vindo pela mesma estrada.

— Olhai — disse Powel —, ali está a dama de ontem. Prepare-se, jovem, para descobrir quem é ela.

— Meu senhor — disse —, farei isso com prazer.

Nisso, a dama vinha do lado contrário ao deles.

O jovem montou seu cavalo, mas, antes que tivesse se acomodado na sela, a moça passou por eles e já ganhava um bom espaço adiante. Contudo, sua velocidade não era tão grande como a do dia anterior. Ele deixou então seu cavalo ir a passo brando, e pensou que, conservando o passo em que ia seu cavalo, logo a alcançaria. Mas isso se mostrou inútil. Ele então soltou as rédeas, e ainda não conseguiu aproximar-se dela mais do que antes. Por mais que aticasse o cavalo, mais longe a dama ficava dele, embora ela permanecesse num trote sempre igual. Quando percebeu que não adiantava segui-la, retornou ao ponto onde estava Powel.

— Senhor — disse —, o cavalo não consegue ir mais além do que isso.

— Vejo que é mesmo inútil a qualquer um segui-la. E, pelos céus — disse —, ela deve ter uma mensagem importante para alguém nessa planície. Vamos voltar para o palácio.

Foram e passaram a noite cantando e festejando, como era do agrado deles.

No dia seguinte, divertiram-se até a hora do almoço. Depois da refeição, Powel disse:

— Onde estão aqueles que foram ontem e anteontem ao topo da colina?

— Ei-nos aqui, senhor — disseram.

— Vamos ao topo da colina, e você — disse para o pajem que cuidava de seu cavalo —, sele bem o meu cavalo, leve-o rápido para a estrada e traz também as minhas esporas.

O jovem assim fez, e foram para a colina. E não esperaram mais que um lance de tempo. Viram a dama vindo pela mesma estrada, no mesmo passo e com as mesmas vestes.

— Senhores — disse Powel —, vejo a dama se aproximando. Passem-me o cavalo.

Apenas acabara de montar, ela passou. Ele a seguiu, fez seu cavalo ricochetear graciosamente e pensou que, ao segundo ou terceiro trote, estaria junto dela. Mas não se aproximou dela. Atiçou o cavalo ao máximo, e ainda nada adiantou. Então disse:

— Ó, donzela, por aquele que mais ama, espere por mim.

— Esperarei com alegria — disse —, e teria sido muito melhor para o seu cavalo se já tivesse pedido isso bem antes.

A jovem parou e puxou para trás a parte do véu que lhe cobria a face, fitou-o nos olhos e começou a conversar com ele.

— Senhora, de onde vem e em busca de que destino viaja?

— Viajo em busca do meu próprio propósito — respondeu —, e uma verdadeira alegria é para mim encontrar você.

— Recebe minhas felicitações, senhora — disse.

Então percebeu que a beleza de todas as virgens e de todas as damas que já tinha visto era insignificante se comparada à dela.

— Senhora — disse —, diria para mim algo a respeito dos seus propósitos?

— Direi a você — respondeu. — O meu principal propósito era procurar você.

— Vê — disse Powel —, é para mim o mais amável propósito, esse pelo qual se empenhou em vir. E pode me dizer quem é você?

— Direi ao senhor — prometeu. — Sou Rhiannon, a filha de Heveyth Hen. Tentaram dar-me a um marido contra a minha vontade. Mas esse marido eu não terei, por causa do meu amor por você, nem terei nenhum, a menos que me rejeite. E aqui venho para ouvir a sua resposta.

— Pelos céus! — disse Powel. — Esta é a minha resposta: se me fosse preciso escolher entre todas as damas e donzelas do mundo, escolheria você.

— Se é esse verdadeiramente o seu desejo — disse —, empenhe a tua palavra de que irá ao meu encontro antes que eu seja dada a outro.

— Quanto antes puder fazê-lo, tanto mais alegria isso me dará — disse Powel. — E irei encontrar você onde quer que esteja.

— Desejo que me encontre daqui a doze meses no palácio de Heveyth. Farei com que uma festa seja preparada em razão da sua vinda.

— Mantereí em mente com alegria o compromisso desse encontro.

— Senhor — disse —, conserve-se saudável e esteja atento para que se lembre do compromisso. Agora devo ir.

Separaram-se e ele retornou para os seus homens e para os de sua casa. Quaisquer que fossem as indagações que lhe fizessem a respeito da donzela, ele sempre mudava a conversa para outros assuntos. E, quando transcorreu um ano desde aquele encontro, ele ordenou que cem cavaleiros se equipassem e o acompanhassem ao palácio de Heveyth Hen. Quando ali chegou, foi recebido com grande alegria, com uma grande afluência de pessoas, grande júbilo e uma grande recepção por sua vinda. Toda a corte foi colocada ao seu dispor.

O salão estava decorado. Dirigiram-se para a ceia e sentaram-se. Heveyth Hen estava de um lado de Powel; Rhiannon, do outro; os demais, de acordo com a importância de cada um. Comeram, festejaram e conversaram uns com os outros. Depois da ceia, no início da diversão, houve comes e bebes e bulha geral. Nesse momento, entrou um jovem alto de cabelos ruivos, com modos nobres e vestido em roupas de cetim. Logo que entrou no salão, felicitou Powel e seu séquito.

— As graças dos céus estejam contigo, por minha alma — disse Powel. — Venha e sente-se.

— Não — disse. — Sou um pretendente; e darei a minha mensagem.

— Faça de acordo com a sua vontade — disse Powel.

— Senhor — disse —, a minha mensagem se dirige a você; é para pedir um benefício que vim.

— Qualquer que seja esse benefício, pode pedi-lo e, uma vez que esteja em meu poder, você o terá.

— Ah! — disse Rhiannon. — Por que você deu essa resposta?

— Ele não a deu na presença desses nobres? — perguntou o jovem.

— Por minha alma — disse Powel —, qual é o benefício que você pede?

— A mulher a quem mais amo está para tornar-se sua noiva nesta noite. Venho pedi-la a você, com a festa e o banquete que aqui acontece.

Powel ficou em silêncio por causa da resposta que ele tinha dado.

— Você fica em silêncio porque foi imprudente — disse Rhiannon. — Nunca um homem fez pior uso do seu juízo como você agora faz do seu.

— Senhora — disse —, eu não sabia quem era ele.

— Vê, esse é o homem com quem querem me fazer casar contra minha vontade — disse. — Ele é Gwawl, filho de Clud, um homem de grande poder e riqueza; e as suas palavras forçam você a entregar-me a ele para que não caia em desonra.

— Senhora — disse —, eu não entendo as suas palavras. Não posso nunca fazer como me diz.

— Entrega-me a ele — repetiu —, e farei com que ele nunca me tenha.

— Por quais meios o fará? — perguntou.

— Em suas mãos colocarei um pequeno saco. Cuide de guardá-lo bem. Ele te exigirá o banquete, a festa e os preparativos, o que não está em seu poder. Para os hóspedes e os da casa darei a festa. E a esse respeito tal será a sua resposta. Quanto a mim, eu me comprometerei a tornar-me sua noiva daqui a doze meses. No fim do ano esteja aqui, traga o saco com você e deixe seus cem cavaleiros ficarem no pomar. Quando ele estiver no meio da alegria e dos festejos, entre sorrateiramente vestido em farrapos, com o saco em suas mãos; não peça nada, apenas que lhe deem comida até encher o saco. Farei que toda a comida e a bebida que há nesses sete condados sejam colocadas nele, mas o saco não ficará mais cheio do que antes. Depois que uma grande quantidade tiver sido ali colocada, ele perguntará se o saco nunca ficará cheio. Responda que não, até que um homem de estirpe nobre e de grande riqueza se levante, pressione a comida no saco com ambos

os pés e diga “Foi colocado nele o bastante”. E farei com que ele esmague com os pés a comida no saco e, quando o fizer, levante as bordas, de modo que ele fique todo colocado dentro do saco, e então amarre-o com as tiras. Esteja também com uma corneta em torno do seu pescoço e, tão logo ele fique preso no saco, sobre-a como sinal entre você e seus cavaleiros. Quando eles tiverem ouvido o som da corneta, deverão vir para o palácio.

— Senhor — disse Gwawl —, é de esperar que eu tenha uma resposta para o meu pedido.

— Terás, uma vez que me tenhas pedido o que está em meu poder dar.

— Por minha alma — disse-lhe Rhiannon —, quanto ao banquete e à festa que acontece aqui, ofereci-os aos homens de Dyfed, aos da casa e aos cavaleiros que estão entre nós. Isso não permite que eu seja dada a ninguém. Desta noite a um ano, será preparado para ti um banquete neste palácio para que eu possa me tornar sua noiva.

Então Gwawl partiu para os seus domínios e Powel retornou para Dyfed. O ano transcorreu, até que chegou a ocasião da festa no palácio de Heveyth Hen. Gwawl, filho de Clud, pôs-se a caminho da festa preparada para ele. Chegou ao palácio e foi recebido com júbilo. Powel também, o senhor de Annuvyn, chegou ao pomar com seus cem cavaleiros trazendo consigo o saco, conforme Rhiannon lhe tinha recomendado. Estava vestido com roupas grosseiras e esfarrapadas e usava um sapato enorme e disforme nos pés. E quando percebeu que, terminada a ceia, a diversão geral começara, seguiu rumo ao salão e, ao entrar, saudou Gwawl, filho de Clud, e seu séquito, como também as mulheres e os homens.

— Deus dê a você prosperidade — disse Gwawl — e que as graças do Céu o acompanhem!

— Senhor — disse ele —, que Deus o recompense! Tenho um pedido para você.

— Seu pedido será bem-vindo e, se for justo, você o terá.

— É justo — respondeu. — Desejo apenas suprir minha carência, e o benefício que peço é ter este pequeno saco que aqui vê cheio de comida.

— É um pedido razoável — disse —, será satisfeito. Tragam-lhe comida.

Um grande número de criados correu, e começaram a encher o saco; mas, por mais que o enchessem, ele continuava vazio como antes.

— Por minha alma! — disse Gwawl — Este saco algum dia se encherá?

— Não, em nome de Deus — disse —, ainda que tudo seja colocado nele. A menos que um senhor de terras, domínios e tesouros se levante e pressione com ambos os pés a comida dentro dele e diga “Nele foi colocado o bastante”.

Rhiannon disse então para Gwawl, filho de Clud:

— Faça isso o quanto antes.

— De bom grado eu o farei — disse. — Então levantou-se e colocou ambos os pés dentro do saco. Powel levantou as bordas para que Gwawl ficasse envolvido nele até a cabeça. Depois o fechou rapidamente, amarrou-o com as tiras e tocou a corneta. Seus cavaleiros entraram no palácio, apanharam os homens do séquito de Gwawl e lançaram todos na prisão, e Powel livrou-se dos farrapos e dos sapatos furados. Cada um dos cavaleiros de Powel golpeou o saco e perguntou: “O que há aqui?”.

— Um texugo — foi a resposta.

E eles se divertiram, cada um golpeando o saco, ou com os pés ou com um bordão. Dessa maneira brincaram com o saco e, enquanto o faziam, pessoas perguntavam: “Que jogo é esse que estão jogando?”.

“O Jogo do texugo no saco”, diziam. E foi assim que o jogo do texugo no saco começou.

— Senhor — disse o homem no saco —, se ao menos me ouvir, não mereço ser morto em um saco.

Haveyth Hen disse:

— Senhor, ele está certo. É justo que o ouça; pois ele não merece isso.

— Na verdade — disse Powel —, farei o que me recomendar a respeito dele.

— Eis então o que o aconselho — disse Rhiannon. — Você está agora em uma posição que permite satisfazer pretendentes e

menestréis. Faze-o reconhecer a sua posição e obtenha dele a promessa de que nunca vai se vingar do que lhe foi feito. Será uma punição suficiente.

— Isso eu farei com prazer — disse o homem no saco.

— E aceito com prazer — disse Powel —, uma vez que é um conselho de Heveyth e de Rhiannon.

— Assim aconselhamos — responderam.

— Eu o acato — disse Powel.

— Peça uma garantia para você.

— Eu a darei por ele — disse Heveyth —, até que seus homens estejam livres para responderem por ele.

E, mediante esse acordo, ele foi tirado do saco, e seus vassalos, libertos.

— Exija agora de Gwawl as suas garantias — disse Heveyth. — Sabemos quais devem ser exigidas dele — e Heveyth enumerou-as.

— Estabeleça você mesmo os termos do pacto — disse Gwawl.

— Estará adequado para mim que seja feito conforme o que Rhiannon disser — respondeu Powel.

E, mediante a firmação do pacto, todas as garantias foram requeridas.

— Verdadeiramente, senhor — disse Gwawl —, estou muito ferido e tenho muitas contusões. Tenho necessidade de ser medicado. Com a sua permissão, partirei. Deixarei os nobres em meu lugar para responderem por mim em tudo o que for necessário.

— Que seja conforme deseje — disse Powel.

E Gwawl retirou-se, rumando para seus domínios.

O salão foi colocado em ordem para Powel e os homens do seu séquito, e para todos do palácio. Depois, sentaram-se à mesa. E do mesmo modo como ali estiveram um ano antes, festejaram, comeram e passaram a noite em alegria e tranquilidade.

Na manhã seguinte, ao raiar do dia, disse Rhiannon:

— Meu senhor, levante-se e comece a distribuir dádivas aos menestréis. Não recuse nada a nenhum deles hoje para que não venham a queixar-se de sua generosidade.

— Assim será feito — disse Powel —, não só hoje, mas todos os dias enquanto durar a festa.

Powel levantou-se e ordenou silêncio para falar. Pediu a todos os menestrelis e pretendentes que indicassem os seus desejos e aspirações. E assim foi feito; a festa prosseguiu, e ele nada negou a ninguém enquanto ela durou. Quando a festa terminou, Powel disse a Heveyth:

— Meu senhor, com a sua permissão, partirei amanhã para Dyfed.

— Certamente — disse Heveyth. — Deus dê a você prosperidade! Determine a data em que Rhiannon deverá acompanhá-lo.

— Partiremos juntos desde já — disse Powel.

— Deseja assim, senhor? — perguntou Heveyth.

— Sim — respondeu Powel.

No dia seguinte, partiram para Dyfed e rumaram para o palácio de Narberth, onde uma festa foi preparada para eles. Ali veio um grande número dos principais homens e das mais nobres mulheres do reino e, para esses, não houve ninguém a quem Rhiannon não oferecesse alguma rica dádiva, ou um bracelete, ou um anel, ou uma pedra preciosa. Governaram afortunadamente nesse ano e nos seguintes.

No quarto ano, nasceu-lhes um filho, e mulheres foram convocadas para cuidar do bebê à noite. Aconteceu que elas todas dormiram, e também Rhiannon. Quando acordaram, procuraram o bebê onde o tinham deixado e perceberam que ele não estava ali. As mulheres ficaram com medo; e, tramando entre si, acusaram Rhiannon de ter matado e devorado o filho diante delas.

— Por piedade — pediu Rhiannon —, o bom Deus conhece todas as coisas. Não me incriminem falsamente. Se me disserem que fazem isso por medo, eu afirmo perante Deus que as defenderei.

— Verdadeiramente — disseram —, não atrairíamos intencionalmente o mal para nós mesmas por ninguém no mundo.

— Por piedade — disse Rhiannon —, não acontecerá nenhum mal a vocês por dizerem a verdade.

Apesar de todas as suas palavras, brandas ou severas, ela recebeu sempre a mesma resposta das mulheres. Quando Powel, o senhor de Annvyn, sua casa e seus cavaleiros se levantaram pela

manhã, essa ocorrência não pôde ficar oculta. A história espalhou-se por toda a região e todos os nobres a ouviram. Vieram então a Powel e lhe pediram que executasse sua esposa em razão do grande crime que ela havia praticado. Mas Powel respondeu que eles não tinham privilégios que os permitissem pedir-lhe a execução de sua esposa.

Rhiannon procurou os mestres e os sábios e, como preferiu penitenciar-se a contender com as mulheres, tomou para si uma penitência. A pena que lhe foi imposta exigia que ela deveria permanecer no palácio de Narberth até que sete anos se passassem, que deveria sentar-se todos os dias ao lado de uma escadinha de subir em cavalos — colocada fora dos portões — e então contar a sua história aos que por ali passassem e a quem ela supusesse que não a conhecesse ainda. Ela deveria também oferecer aos viajantes e aos estrangeiros que deixassem que ela os levasse em suas costas até o palácio, se eles permitissem. Mas isso raras vezes aconteceu, pois quase ninguém permitia. E assim ela passou parte do ano.

Naquele tempo, Teirnyon Twryv Vliant era senhor de Gwent Is Coed e o melhor homem existente no mundo. Pertencia a sua casa uma égua, que mais bonita que ela nem outra égua nem cavalo do reino poderia ser. Na noite de cada primeiro de maio, ela dava cria e ninguém nunca sabia o que acontecia à cria. Certa noite, Teirnyon falou à esposa:

— Mulher, já é banal para nós que nossa égua dê cria todo ano e que não tenhamos nenhuma de suas crias.

— O que pode ser feito sobre isso? — ela perguntou.

— Esta é a noite de primeiro de maio — disse. — Que a vingança de Deus caia sobre mim se eu não descobrir o que é que está levando as crias.

Armou-se e começou a vigiar. Teirnyon ouviu uma grande agitação, depois viu uma garra aparecer pela janela, que levava agarrada a cria da égua. Teirnyon puxou a espada, decepou-lhe o braço na altura do cotovelo, e assim aquela parte do braço, junto com a cria, ficou com ele. Logo após, ouviu um barulho e um queixume. Abriu a porta e correu na direção do barulho, mas não pôde ver a causa dele em razão da escuridão da noite. Ainda correu

atrás e o seguiu. Lembrou-se então de que tinha deixado a porta aberta e voltou. E junto à porta encontrou um menino ainda em fraldas, enrolado com um manto de cetim. Pegou a criança e percebeu que era muito forte para a idade que tinha. Depois, fechou a porta e foi para o quarto onde sua esposa estava.

— Senhora — disse —, está dormindo?

— Não, meu senhor — respondeu. — Estava adormecida, mas acordei logo que entrou.

— Veja, eis aqui um menino para você, se o quiseres — disse —, já que você nunca teve um.

— Meu senhor — disse —, que aventura é essa?

— Foi assim... — disse Teirnyon, e contou-lhe tudo o que tinha acontecido.

— Verdadeiramente, senhor — disse —, com que tipo de roupas ele estava vestido?

— Um manto de cetim — respondeu.

— É então uma criança de linhagem nobre — disse.

Eles fizeram com que fosse batizado e a cerimônia foi realizada ali mesmo. Deram-lhe o nome de Goldenlocks, em razão de seus cabelos dourados como o ouro. E cuidaram dele até que atingiu um ano. Antes que o ano se completasse, já podia andar perfeitamente. E era mais desenvolvido que o mais robusto e crescido menino de três anos. Por outro segundo ano cuidaram dele e o alimentaram, e o menino se tornou tão desenvolvido quanto uma criança de seis anos, e, antes que se completasse o quarto ano, ele já fazia traquinagens com o cavaliço para que este lhe permitisse levar os cavalos ao banho.

— Meu senhor — disse a esposa um dia —, onde está o potro que você salvou na noite em que encontrou o menino?

— Eu o encarreguei aos cavaliços para que cuidassem dele — disse.

— Não seria melhor, senhor, se fizesse com que fosse domado e o desse ao menino, já que o potro nasceu na mesma noite em que você encontrou o menino e nessa mesma noite o salvou?

— Não me oponho a você nessa questão — disse Tiernyon. — Permitirei que dê o potro a ele.

— Senhor — disse —, que Deus te recompense! Darei o potro a ele.

E assim o cavalo foi dado ao menino. Ela então procurou os cavaleiros e todos os que cuidavam dos cavalos, recomendou-lhes cuidar do animal de modo que fosse domado para que no devido tempo o menino pudesse montá-lo.

Enquanto todas essas coisas se passavam, ouviram a respeito de Rhiannon e de sua punição. Tiernyon Twryv Vliant, em razão da piedade que sentiu ao ouvir a história, indagou cuidadosamente sobre a questão, até que tivesse ouvido o bastante das inúmeras pessoas que vinham a sua casa. Tiernyon então, frequentemente lamentando a triste história, refletiu consigo e, observando constantemente o menino, pareceu-lhe que nunca tinha notado como era grande a semelhança entre pai e filho como aquela entre o menino e Powel, o senhor de Annuvyn. As feições de Powel lhe eram bem conhecidas, pois tinha sido um de seus companheiros em tempos passados. Desde então, ficou preocupado, pois era um erro manter consigo um menino que ele sabia ser filho de outro homem.

E, na primeira ocasião em que ficou sozinho com a esposa, disse-lhe que, uma vez que o menino era filho de Powel, senhor de Annuvyn, não era correto ficarem com ele e permitir que uma senhora tão excelente como Rhiannon fosse tão severamente punida. Sua esposa concordou, deveriam mandar o menino para Powel.

— E três coisas, senhor, ganharemos com isso: agradecimentos, dádivas por libertarmos Rhiannon da punição e a gratidão de Powel por termos cuidado de seu filho e tê-lo devolvido; e, terceiro, se o menino tiver uma natureza nobre, será nosso filho de criação e fará por nós tudo de bom que estiver em seu poder.

E foi decidido de acordo com esse entendimento. Sem tardar, no dia seguinte, Teirnyon e mais dois cavaleiros prepararam-se para partir. O juvenzinho, como o quarto componente da comitiva, foi montado no cavalo que Teirnyon lhe tinha dado. Dirigiram-se para Narberth, e logo depois ali chegavam. Quando já estavam próximos do palácio, viram Rhiannon sentada ao lado da escadinha para cavalos, e em pouco tempo já estavam diante dela.

— Senhor — disse ela —, não prossiga. Levarei cada um ao palácio. Essa é a minha punição por eu ter matado meu filho e tê-lo devorado.

— Ó, amável senhora — disse Teirnyon —, não penses que serei levado sobre suas costas.

— Também eu não serei — disse o menino.

— Por minha alma — disse Teirnyon —, certamente não iremos — e prosseguiram a jornada em direção ao palácio.

Ali houve uma grande alegria pela chegada dos visitantes. Uma festa foi preparada, porque Powel voltava das fronteiras de Dyfed. Eles foram para o salão, lavaram-se, e Powel alegrou-se em ver Teirnyon. Depois sentaram-se na seguinte ordem: Teirnyon entre Powel e Rhiannon; os dois acompanhantes do lado oposto a Powel, com o menino entre eles. Depois da refeição, começaram a conversar e a beber animadamente. A conversa de Teirnyon girava em torno da aventura do potro e do menino e de como ele e sua esposa o tinham criado e educado como um filho.

— Veja, aqui está o seu filho, senhora — disse Teirnyon. — Todos que disseram falsidades a seu respeito cometeram um erro. Quando ouvi falar do seu sofrimento, fiquei preocupado e aflito. E acredito que não há ninguém aqui que não perceba que esse menino é filho de Powel.

— Não há ninguém que não esteja certo disso — disseram todos.

— Em nome do Céu — disse Rhiannon —, afirmo que se isso for verdade, certamente porá um fim aos meus tormentos.

— Senhora — disse Pendaran Dyfed —, bem faria se desse o nome de Pryderi⁸ ao seu filho. O nome muito bem lhe ficaria. Pryderi, filho de Powel, o senhor de Annuvyn.

— Veja bem — disse Rhiannon —, será que o nome que ele já tem não lhe seria melhor?

— Qual o nome dele? — perguntou Pendaran Dyfed.

— Goldenlocks é o nome que demos a ele.

— Pryderi — disse Pendaran — será o seu nome.

— É mais apropriado — disse Powel — que o menino tome o nome da palavra que sua mãe falou quando recebeu a notícia feliz de que ele vive — e assim ficou acertado.

— Teirnyon — disse Powel —, que o Céu o recompense por tê-lo trazido aos meus cuidados depois de todo esse tempo. Sendo você de linhagem tão nobre, é justo que seja recompensado por isso.

— Meu senhor — disse Teirnyon —, foi minha esposa que cuidou dele, e não há pessoa no mundo que mais tenha se afligido com a partida dele. Será suficiente que ele tenha em consideração o que eu e minha esposa fizemos por ele.

— Convoco o Céu por testemunha — disse Powel —, que enquanto eu viver protegerei você e seus domínios, até o momento em que me mantiver capaz de proteger os meus próprios. E quando ele tiver o poder, estará mais apto a mantê-los do que eu. Se for do seu agrado — já que tem cuidado dele até aqui — e do dos meus nobres, tomo a decisão de entregá-lo a Pendaran Dyfed para ser educado de hoje em diante. Ele será seu companheiro e também seu pai adotivo.

— É uma boa decisão — disseram todos.

O rapaz foi entregue a Pendaran Dyfed, e os nobres se retiraram com ele. Teirnyon Twryv Vliant e seus cavaleiros partiram para os seus domínios satisfeitos e alegres. Não sem que antes lhes oferecessem as mais finas joias, cavalos e os melhores cães. Mas ele não aceitou nada.

Depois disso, todos permaneceram em seus domínios. Pryderi, o filho de Powel, senhor de Annuvyn, foi educado com desvelo e como convém para que se tornasse o jovem mais refinado do reino, o mais garboso e o mais hábil nos jogos. E assim se passaram anos e mais anos, até que a vida de Powel chegou ao fim, e ele morreu.

⁸ Pryderi significa fim dos tormentos. (N. T.)

PADDY O'KELLY E A DONINHA



Há muito tempo, houve um homem de nome Paddy O'Kelly. Vivia perto de Tuam, no condado de Galway. Certa manhã, ele se levantou cedo, a que horas, ele não sabia; apenas uma luz leve da lua pairava ainda. Quis ir à feira de Cauher-na-mart para vender um asno ordinário que ele possuía.

Não tinha andado mais que três milhas quando uma espessa escuridão tomou conta de tudo e a chuva começou a cair. Viu uma grande casa entre as árvores, a umas quinhentas jardas⁹ da estrada, e disse para si mesmo que iria para aquela casa até que a chuva passasse. Quando ali chegou, encontrou a porta aberta e entrou. Viu um amplo quarto à esquerda e um belo fogo no fogão. Sentou em um banquinho que estava encostado na parede e já começava a cochilar quando viu uma grande doninha chegar perto do fogo. Ela trazia algo amarelo na boca, que deixou cair no fogareiro de pedra, e depois foi embora. Logo voltou com a mesma coisa na boca, e ele percebeu que era um guinéu. Depositou a moeda no fogareiro e novamente foi embora. Foi e voltou várias vezes, até que deixou uma pilha de guinéus no fogareiro. Quando finalmente foi de vez, Paddy levantou-se do banco, enfiou nos bolsos todo o ouro que ela tinha juntado ali e foi embora.

Não tinha ido longe quando ouviu a doninha atrás dele, grunhindo alto como uma gaita. Ela adiantou-se e parou na estrada diante dele. Virava-se para a frente e para trás, tentando abocanhar sua garganta. Paddy tinha um belo bastão de carvalho, com o qual a mantinha afastada. Dois homens estavam vindo naquela direção

rumo à mesma feira. Um deles tinha um bom cão, que afugentou a doninha para um buraco na parede.

Paddy foi para a feira e, em vez de voltar para casa com o dinheiro conseguido com o seu velho asno, conforme tinha pensado enquanto ia pela estrada de manhã, pegou um pouco do dinheiro que tinha pilhado da doninha, comprou um cavalo e foi para casa cavalgando. Quando chegou ao lugar em que a doninha tinha sido afugentada pelo cão, ela apareceu diante dele, deu um salto e agarrou o cavalo pelo pescoço. O cavalo disparou e Paddy não pôde fazê-lo parar. Até que por fim deu um salto e caiu em uma vala cheia de água e lama escura. Estava se afogando rapidamente, mas alguns homens que vinham de Galway apareceram ali e afugentaram a doninha.



Paddy trouxe o cavalo para casa, levou-o para o estábulo e caiu no sono. Na manhã seguinte, levantou cedo e saiu para dar feno e aveia ao seu cavalo. Quando alcançou a porta, viu a doninha saindo do estábulo toda coberta de sangue.

— Caíam sete mil pragas sobre você — disse Paddy. — Receio que tenha feito um grande dano.

Entrou e encontrou o cavalo, duas vacas de leite e dois bezerros mortos. Saiu e mandou seu cão perseguir a doninha. O cão e a doninha se agarraram. Ele era ótimo, mas foi forçado a soltar-se dela antes que Paddy chegasse. Contudo, manteve os olhos nela todo o tempo, até que ela se arrastou para dentro de uma pequena cabana que ficava à beira de um lago. Paddy veio correndo; ao chegar próximo da cabana, incitou seu cão para fazê-lo raivoso e o mandou entrar. O cão começou a latir logo que entrou. Paddy o seguiu e viu uma bruxa velha num canto. Perguntou-lhe se ela tinha visto uma doninha entrar ali.

— Não vi — disse. — Estou toda arrasada, doente com uma praga, e se você não for embora logo, pegará essa praga de mim.

Enquanto Paddy e a bruxa conversavam, o cão não parava quieto, até que por fim ele deu um salto e agarrou a bruxa pela garganta. Ela guinchou e disse:

— Paddy Kelly, livre-me desse cachorro e eu farei de você um homem rico.

Paddy fez o cão soltá-la e disse:

— Diga-me quem é você, e por que matou meu cavalo e meu gado?

— E por que você levou embora o ouro que durante quinhentos anos inteiros eu fiquei coletando dos montes e das fendas do mundo?

— Pensei que você fosse uma doninha — disse Paddy —; do contrário, eu não teria tocado no seu ouro. Além disso, se você está há quinhentos anos neste mundo, já é tempo de descansar.

— Cometi muitos crimes em minha juventude — disse a bruxa —, e agora só serei libertada de meus sofrimentos se você puder pagar vinte libras por cento e três missas para mim.

— Onde está o dinheiro? — perguntou Paddy.

— Vá ali fora, cave debaixo de um arbusto que fica num canto do terreno e perto de um pequeno poço. Você achará um pote cheio de ouro. Pague as vinte libras das missas e o resto é seu. Quando você levantar a pedra que está sobre o pote, verá um enorme cachorro preto vindo em sua direção. Não tenha medo dele; é um filho meu. Depois que estiver de posse do ouro, compre a casa onde você me encontrou pela primeira vez. Conseguirá um bom preço, pois tem a fama de que nela habita um fantasma. Meu filho ficará embaixo no celeiro. Ele não lhe fará mal e lhe será um bom amigo. Morrerei daqui a um mês e, quando você me encontrar morta, ponha carvão debaixo desta cabaninha e queime-a. Não diga a nenhuma alma viva nada sobre mim — e a sorte estará com você.

— Qual o seu nome — perguntou Paddy.

— Mary Kerwan — disse a bruxa.

Paddy foi para casa e, logo que a escuridão da noite desceu, pegou uma pá, foi ao arbusto e começou a cavar. Não demorou muito para achar o pote e, quando tirou a pedra que o cobria, um enorme cachorro preto saltou, passando a acompanhá-lo. O cachorro de Paddy seguiu atrás.

Paddy trouxe para casa o ouro e o escondeu no estábulo. Quase um mês depois, foi à feira de Galway e comprou duas vacas, um cavalo e doze ovelhas. Os vizinhos não sabiam onde ele tinha conseguido todo aquele dinheiro. Diziam que ele tinha parte com a boa gente.¹⁰

Um dia Paddy vestiu-se e procurou o gentil homem, proprietário da grande casa onde ele viu a doninha pela primeira vez, e ofereceu-se para comprar-lhe a casa e o terreno.

— Você pode ter a casa sem pagar nenhum arrendamento; há nela apenas um fantasma, e eu não gostaria que você a comprasse sem que eu lhe avisasse antes, mas não posso desfazer-me do terreno sem obter por ele cem libras a mais do que você me oferece.

— Talvez eu tenha tanto quanto você me pede — disse Paddy.

— Estarei aqui amanhã com o dinheiro, se você estiver pronto para entregar-me a propriedade.

— Estarei — disse o gentil homem.

Paddy foi para casa e disse à sua esposa que tinha comprado uma grande casa e um quinhão de terra.

— Onde você conseguiu o dinheiro? — perguntou a esposa.

— É só o que importa para você, saber onde consegui o dinheiro? — perguntou Paddy.

No dia seguinte, Paddy dirigiu-se ao gentil senhor, deu-lhe o dinheiro e tomou posse da casa e do terreno. O gentil senhor deixou-lhe toda a mobília e tudo que havia na casa como parte do negócio.

Paddy passou ali aquela noite. Quando a escuridão desceu, foi ao celeiro e viu um homenzinho com as duas pernas estendidas sobre um barril.

— Deus te guarde, homem honesto — disse o homenzinho a Paddy.

— O mesmo para você — disse Paddy.

— De modo algum tenha medo de mim — disse o homenzinho.

— Serei seu amigo se for capaz de guardar um segredo.

— Sou capaz, de verdade. Guardo o segredo de sua mãe, como também o seu.

— Talvez esteja com sede? — disse o homenzinho.

— Não estou livre disso — disse Paddy.

O homenzinho enfiou a mão no peito e tirou dali uma taça de ouro. Deu-a a Paddy e disse:

— Tire vinho desse barril que está debaixo de mim.

Paddy encheu toda a taça e ofereceu-a ao homenzinho.

— Beba você primeiro — disse.

Paddy bebeu, encheu de novo a taça e a ofereceu ao homenzinho, que a bebeu.

— Encha a taça e beba de novo — disse o homenzinho. — Estou disposto a me divertir esta noite.

Ambos estiveram ali bebendo até ficarem meio embriagados. Depois, o homenzinho saltou para o chão e disse a Paddy:

— Você gosta de música?

— Gosto, claro — disse Paddy —, e também sou um bom dançarino.

— Levante aquela grande pedra que está ali no canto e você achará debaixo a minha gaita.

Paddy levantou a pedra, pegou a gaita e a levou para o homenzinho. Ele apertou a gaita contra si, depois começou a tocar uma música melodiosa. Paddy pôs-se a dançar, e dançou até ficar cansado. Nessa altura tomaram outro gole, e o homenzinho falou:

— Faça como minha mãe lhe disse e eu te levarei a grandes riquezas. Pode trazer sua esposa para cá, mas não lhe conte que estou aqui, e ela não me verá. A qualquer hora que lhe faltar cerveja ou vinho, venha aqui e beba. Agora, adeus; vá dormir, e venha ver-me novamente amanhã à noite.

Paddy foi para a cama e não demorou muito a cair no sono. Na manhã seguinte, foi à sua antiga casa, trouxe a esposa e os filhos, e todos ficaram muito confortáveis ali na grande casa. À noite, foi ao celeiro; o homenzinho deu-lhe as boas-vindas e perguntou-lhe se queria dançar.

— Não antes de tomar um gole — disse Paddy.

— Beba até saciar-se — disse o homenzinho. — Esse barril nunca se esvaziará, estará sempre cheio enquanto você viver.

Paddy bebeu todo o conteúdo da taça e ofereceu uma ao homenzinho, que disse:

— Irei à Fortaleza dos Duendes esta noite tocar gaita para a boa gente e, se você vier comigo, se divertirá como nunca. Eu lhe darei um cavalo como você jamais viu em toda sua vida.

— Irei contigo com alegria — disse Paddy —; mas que desculpas darei à minha esposa?

— Vou tirá-lo do lado dela quando estiverem dormindo sem que ela perceba e te trarei de volta do mesmo modo — disse o homenzinho.

— Obedeço — disse Paddy —; tomemos mais um gole antes que eu me vá.

Ele bebeu gole após gole, até que ficou meio embriagado. Foi então para a cama junto de sua esposa.

Quando acordou, viu-se cavalcando uma vassoura perto de Doon-na-shee. Ao seu lado, o homenzinho montava outra vassoura. Estando já no monte verdejante de Doon, o homenzinho disse algumas palavras que Paddy não entendeu. A colina se abriu e os dois entraram em uma câmara aprazível.

Paddy nunca tinha presenciado uma reunião como aquela que viu ali em Doon. Todo o local estava repleto de gente miúda, homens e mulheres, velhos e jovens. Deram as boas-vindas a Donal, que esse era o nome do músico tocador de gaita, e a Paddy O'Kelly. O rei e a rainha dos duendes aproximaram-se deles e disseram:

— Todos nós iremos esta noite a Cnoc Matha fazer uma visita ao supremo rei e à rainha de nossa gente.

Todos se levantaram e saíram. Havia cavalos preparados para cada um deles, e o coash-t'ya bower¹¹ para o rei e a rainha. Entraram o rei e a rainha no coche, cada homem saltou para seu cavalo, e, naturalmente, Paddy não ficou para trás. O músico tocador de gaita foi para a frente e começou a tocar para todos e depois distanciou-se. Não demorou muito e chegaram a Cnoc Matha. O monte abriu-se e o rei da hoste dos duendes entrou.

Finvara e Nuala estavam ali, supremos rei e rainha da hoste dos duendes de Connacht, e milhares de seres miúdos. Finvara adiantou-se e disse:

— Esta noite jogaremos uma partida de *hurling*¹² contra a hoste de duendes de Munster e, se não os vencermos, perderemos nossa fama para sempre. A partida será travada em Moytura, debaixo de Slieve Belgadaun.

A hoste de Connacht gritou:

— Estamos preparados e temos certeza de que os venceremos.

— Não há dúvidas — falou o supremo rei —; os homens do monte de Nephin cairão diante de nós.

Foram todos, e, na frente, ia o pequeno Donal e mais doze tocadores de gaitas tocando músicas melodiosas. Quando chegaram a Moytura, as hostes dos duendes de Munster e do monte Nephin estavam ali diante deles. Era necessário que as hostes tivessem dois homens ao lado delas quando estivessem combatendo ou jogando a partida, e essa é a razão pela qual Donal levou Paddy O'Kelly com ele. Havia um homem, a quem eles chamavam de “Yellow Stongirya”, com a hoste de Munster. Ele era de Ennis, do condado de Clare.

Não demorou muito para que as duas hostes tomassem posição; a bola foi lançada entre eles, e a brincadeira começou de modo

honesto. Faziam-se os arremessos, e os músicos tocavam a gaita. Paddy O'Kelly viu que a hoste de Munster levava vantagem e começou a ajudar a hoste de Connacht. Stongirya aproximou-se e atacou Paddy O'Kelly, mas Paddy deu uma cambalhota. A disputa das duas hostes transformou-se em luta. Mas isso só durou até que a hoste de Connacht batesse a outra. Foi então que a hoste de Munster atirou fora suas maçãs de jogar e começou a comer toda erva que encontrava ao redor. Foram destruindo a região diante deles, até que percorreram uma distância tão grande quanto Cong. Ali voaram milhares de pombas saídas de seus abrigos e engoliram suas maçãs. Aquele lugar desde então não tem outro nome senão Pull-na--gullam, o abrigo das pombas.

A hoste dos duendes de Connacht ganhou a competição e voltaram muito contentes para Cnoc Matha. O rei Finvara deu a Paddy O'Kelly um tesouro em ouro, e o pequeno tocador de gaita o levou de volta para casa, colocou-o na cama ao lado da esposa e o deixou ali dormindo.

Depois disso, passou-se um mês sem nenhum acontecimento digno de ser mencionado, até que uma noite Paddy desceu ao celeiro e o homenzinho lhe disse:

— Minha mãe morreu; queime a cabana onde ela está.

— É verdade — disse Paddy. — Ela me disse que não teria mais que um mês para estar no mundo, e o mês encerrou-se ontem.

Na manhã seguinte, Paddy foi à cabana e achou a bruxa morta; colocou carvão dentro da cabana e queimou-a. Voltou ao celeiro e disse ao homenzinho que a bruxa tinha sido queimada. O homenzinho deu-lhe um saco de ouro e disse-lhe:

— Esse saco nunca ficará vazio enquanto você viver. Agora você não me verá mais; mas conserve uma afetuosa lembrança da doninha. Ela foi a causa e o princípio da sua riqueza — depois foi embora, e Paddy nunca mais o viu.

Depois disso, Paddy O'Kelly e sua esposa viveram por muitos anos na grande casa e, quando ele morreu, deixou uma grande riqueza e uma grande família para gastá-la.

Aí está para você a história, como eu a ouvi de minha avó, da primeira à última palavra.

⁹ Uma milha equivale a 1.609 metros e uma jarda equivale a 91,4 cm. (N. T.)

¹⁰ A expressão “boa gente” se refere a fadas, duendes e outros seres encantados do folclore celta. (N. E.)

¹¹ Tipo de carruagem. (N. E.)

¹² Tradicional jogo irlandês em que dois times competem em um campo retangular de 128 m. Uma pequena bola é lançada com um bastão semelhante àquele usado no hóquei. (N. T.)

O SONHO DE OWEN O'MULREADY



Há muito tempo, havia um homem que habitava perto de Ballaghadereen, de nome Owen O'Mulready. Era empregado, um homem próspero, quieto e satisfeito, que trabalhava para os senhores do lugar. Não tinha ninguém, exceto ele mesmo e sua esposa Margaret. Tinham uma pequena e agradável casa, e batatas suficientes para o ano todo, recebidas de seu amo como acréscimo à sua quota de salário. Não havia uma necessidade ou ansiedade em Owen, exceto um desejo, e este era ter um sonho, pois nunca tivera um na vida.

Certo dia, ele estava arrancando batatas e seu amo, de nome James Taafe, apareceu na eira e começaram a conversar, como era costume entre eles. A conversa recaiu sobre os sonhos e Owen disse que, mais que qualquer outra coisa o que gostaria era de ter um sonho, apenas um, se conseguisse.

— Você terá um esta noite — disse seu amo —, se fizer o que eu te falar.



— *Musha*,¹³ farei, e com gosto — disse Owen.

— Bem — disse seu amo —, quando for para casa esta noite, apague o fogo do fogão, faça sobre ele sua cama e durma ali hoje, e você terá muitos sonhos antes de amanhecer.

Owen prometeu fazer como ele dissera. Contudo, quando ele começou a apagar o fogo, Margaret achou que ele tinha perdido o juízo; então ele lhe contou tudo que James Taafe tinha lhe falado, de seu próprio jeito, e eles se deitaram juntos sobre o fogão.

Não fazia muito tempo que Owen estava adormecido, quando bateram à porta.

— Levante, Owen O'Mulready, e vá levar uma carta do amo para a América.

Owen levantou e calçou suas botas, dizendo de si para si: “Você vem em hora muito avançada, mensageiro”.

Pegou a carta e foi adiante, sem parar um momento sequer, até que chegou ao pé de Sliabh Charn, onde encontrou um vaqueiro reunindo o gado.

— As bênçãos de Deus estejam contigo, Owen O'Mulready — disse o rapaz...

— As bênçãos de Deus e de Maria estejam contigo, meu rapaz — disse Owen. — Todos me conhecem, afinal, e eu não conheço ninguém.

— Aonde está indo a essa hora da noite? — perguntou o rapaz.

— Estou indo para a América levar uma carta do amo. É esse o caminho certo? — perguntou Owen.

— É; continue reto na direção oeste. Mas como você conseguirá atravessar o oceano? — perguntou o rapaz.

— Há tempo suficiente para pensar nisso até chegar lá — replicou Owen.

Pegou novamente a estrada e, por fim, chegou ao mar. Ali viu um grou sustentando-se sobre um pé na praia.

— As bênçãos de Deus estejam contigo, Owen O'Mulready — disse o grou.

— As bênçãos de Deus e Maria estejam contigo, Senhor Grou — disse Owen. — Todos me conhecem, e eu não conheço ninguém.

— O que faz aqui?

Owen contou-lhe sobre sua incumbência e disse que não sabia como podia atravessar o oceano.

— Ponha seus dois pés sobre minhas duas asas e sente-se em minhas costas. Eu te levarei para o outro lado — disse o grou.

— O que farei se você ficar cansado antes de terminar a travessia? — perguntou Owen.

— Não tenha medo, não ficarei cansado ou sem forças até que atravessemos todo o mar.

Owen subiu então nas costas do grou, que levantou voo sobre o mar avante, mas não tinha voado mais que a metade do caminho, quando gritou:

— Owen O'Mulready, desça, que estou cansado.

— Que você possa estar sete vezes mais cansado daqui a um ano, seu grou tratante — disse Owen. — Não posso descer agora, então não me peça isso.

— Não me importo — replicou o grou —, se você se levantar por um tempo até que eu descanse.

Nisso, viram um mangual¹⁴ sobre suas cabeças, e Owen gritou:

— Oh! Mangual, mangual, desça suas varas até mim para que eu possa dar descanso ao grou!

O mangual desceu as varas e, quando Owen pegou nelas com as duas mãos, o grou se afastou rindo e debochando dele.

— Meu quinhão de infortúnio siga contigo! — disse Owen. — Você me deixou suspenso entre o céu e o mar no meio do grande oceano.

Não demorou muito para que o mangual gritasse e pedisse que ele se soltasse de suas varas.

— Não deixarei que vá — disse Owen. — Devo afogar-me?

— Se você não soltá-las, cortarei as correias.

— Não me importo — disse Owen. — Eu tenho as varas — e nisso, olhou ao longe, e o que viu não foi outra coisa senão um barco navegando ao largo.

— Ó navegante estimado, vem navegante, vem; talvez você ampare meu quinhão de ossos — disse Owen.

— Estamos debaixo de você agora? — perguntou o navegante.

— Ainda não, ainda não — disse Owen.

— Atire um de seus sapatos, para que vejamos o modo como cai — disse o capitão.

Owen balançou o pé e caiu uma bota.

— Uil, uil, puil, uil, liu... Quem está me matando? — resmungou Margaret na cama. — Onde você está, Owen?

— Eu não sabia que era você que estava aí, Margaret.

— Claro que era — disse —, quem mais poderia ser?

Ela levantou e acendeu a vela. Foi achar Owen a meio caminho da chaminé com as mãos agarradas na curvatura, todo preto de fuligem! Tinha apenas uma bota nos pés, pois a ponta da outra tinha golpeado Margaret, e foi isso que a fez acordar.

Owen veio para baixo e se lavou, e desde então não cobiçou ter sonhos outra vez.

¹³ Modo tipicamente irlandês de se iniciar uma conversa. (N. E.)

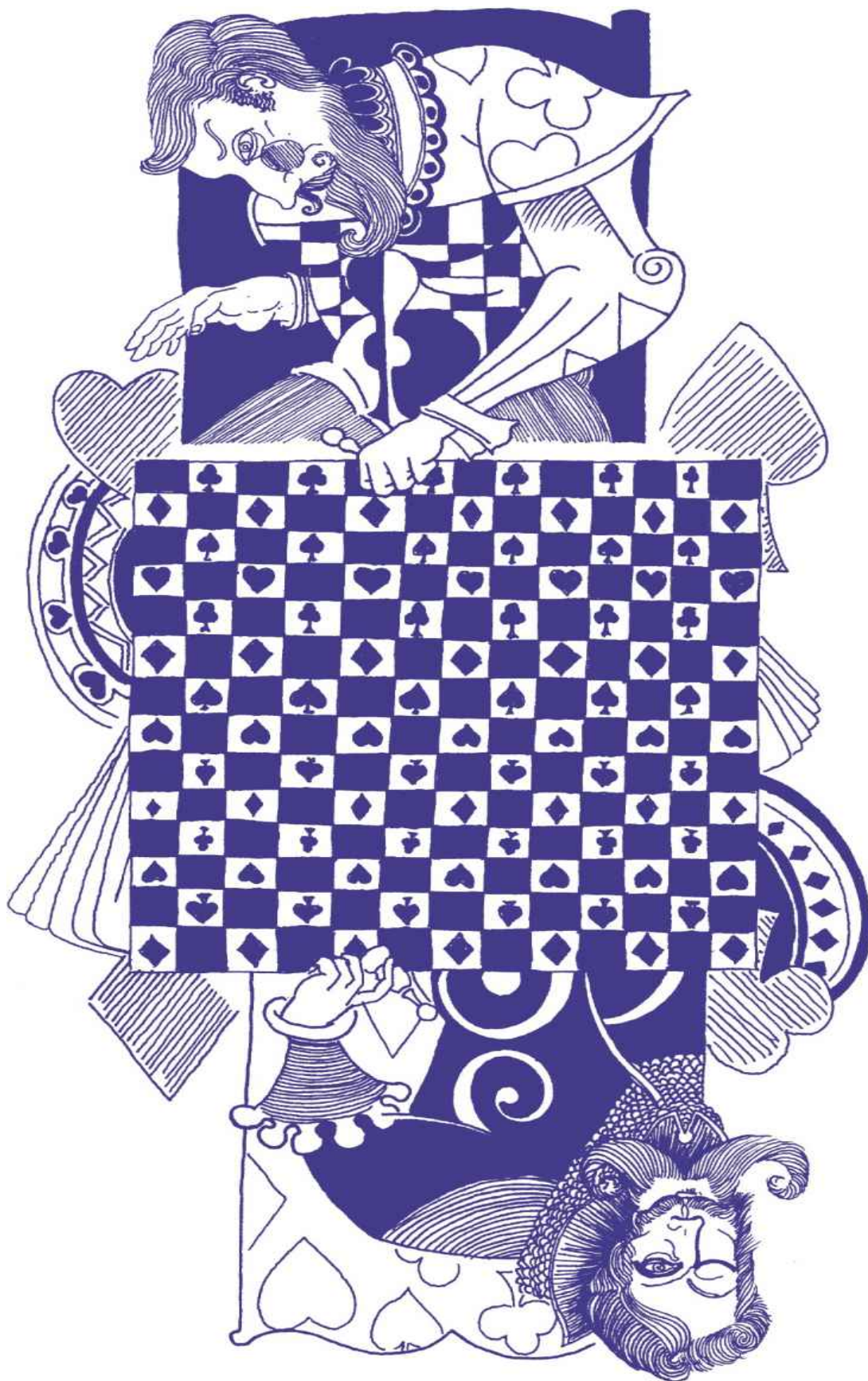
¹⁴ Instrumento que pode ser utilizado como arma ou como ferramenta agrícola. O absurdo da situação pode ser explicado, provavelmente, pelo fato de tratar-se de um sonho. (N. E.)

MORRAHA



Morraha levantou de manhã, lavou as mãos e o rosto, fez suas orações e comeu sua comida; depois pediu a Deus um dia próspero e foi para a beira do mar. Viu um barco, pequeno e verde, vindo em sua direção; nele havia apenas um campeão vistoso jogando *hurly*¹⁵ da proa à popa. Seu bastão de arremesso era de ouro, e a bola, de prata. Ele não parou de jogar até que chegasse à praia. Ali chegando, puxou o barco e o prendeu com firmeza como se fosse para que ele permanecesse ali um ano e um dia, fosse para ele ficar ali todo o tempo, fosse apenas para estar em terra por uma hora.

Morraha cumprimentou o jovem com cortesia. Este o saudou do mesmo modo e perguntou-lhe se gostaria de jogar baralho com ele. Morraha disse que não tinha com o que jogar. O outro respondeu que isso não seria problema, pois tinha sempre um jeito para tudo; e pôs as mãos nos bolsos, daí tirando uma mesa, duas cadeiras e um baralho. Sentaram-se nas cadeiras e começaram o jogo de cartas. Morraha ganhou a primeira partida, e o Vistoso Campeão Ruivo pediu-lhe que declarasse o seu prêmio. Ele pediu que a terra atrás dele estivesse repleta de ovelhas pela manhã. O pedido foi aceito. Ele não jogou uma segunda partida e rumou para casa.



No dia seguinte, Morraha foi para a beira do mar; o jovem veio ao barco e perguntou-lhe se gostaria de jogar cartas. Eles jogaram e Morraha ganhou. O jovem pediu-lhe que declarasse o seu prêmio. Ele pediu que a terra atrás dele estivesse repleta de gado pela manhã. O pedido foi aceito. Ele não jogou outra partida e rumou para casa.

Na terceira manhã, Morraha foi para a beira do mar e viu o jovem chegando. Ele arrastou o barco para a praia e perguntou-lhe se gostaria de jogar cartas. Eles jogaram e Morraha ganhou o jogo. O jovem pediu-lhe que declarasse o seu prêmio. Ele disse que gostaria de ter um castelo e uma esposa, a mais admirável e bela do mundo; e que isso fosse seu. O pedido foi aceito e o Campeão Ruivo foi embora.

No quarto dia, sua esposa perguntou-lhe como ele a tinha conseguido. E ele contou.

— Estou saindo para jogar hoje novamente — completou.

— Eu te proíbo de sair para encontrar com ele. Se ganhou tanto, perderá mais do que ganhou. Não tem mais assunto para tratar com ele.

Mas ele foi contra a vontade dela. Viu o barco chegando e o Campeão Ruivo lançava sua bola de proa a popa. Ele tinha bolas de prata e bastão de ouro, e não parou de jogar até que arrastasse o barco para a praia e ali o prendesse para ficar um ano e um dia. Morraha e o jovem se cumprimentaram. Ele perguntou a Morraha se gostaria de jogar cartas com ele. Eles jogaram, e o jovem ganhou. Morraha disse-lhe:

— Agora declare o seu prêmio.

— Você o ouvirá prontamente — disse. — Sob o poder da arte dos druidas, você não dormirá duas noites em uma casa, não terminará uma segunda refeição sentado a uma mesa, até que me traga a espada de luz e notícias da morte de Anshgayliacht.

Morraha voltou para sua casa e sua esposa, sentou-se em uma cadeira, deu um gemido e a cadeira desmanchou-se em pedaços.

— Esse é o gemido do filho de um rei sob encantamento — disse a esposa. — Teria sido melhor ouvir o meu conselho do que ficar preso a esse encantamento.

Ele então contou-lhe que tinha de buscar notícias da morte de Anshgayliacht e a espada de luz para o Vistoso Campeão Ruivo.

— Vá — disse ela. — Amanhã cedo pegue as rédeas na janela e as chocalhe. E seja como for a besta, feia ou bonita, ponha as rédeas nela, e tome-a com você. Não diga uma palavra até que ela fale. Leve três garrafinhas de cerveja e três pães de seis pences, e faça o que ela lhe pedir. Quando ela estiver nas terras de meu pai, no mais alto ponto acima do castelo, ela balançará a cabeça, os sinos vão tocar e meu pai dirá “Brown Allree está no reino. E se o filho de um rei e uma rainha estiver aqui, traga-o para mim em seus ombros; mas se for o filho de um homem pobre não o leve adiante”.

Ele levantou de manhã, pegou as rédeas que estavam na janela, foi para fora e as chocalhou. Brown Allree apareceu e as rédeas foram colocadas nela. Ele pegou os três pães e as três garrafinhas de cerveja, e partiu cavalgando. Enquanto seguia, Brown Allree abaixou a cabeça para pegar seus pés com a boca esperando que ele, por desconhecimento das coisas, falasse; mas ele não disse uma palavra em nenhum momento. A égua por fim falou. Disse-lhe para desmontar e dar a ela o jantar. Ele deu-lhe um pão tostado de seis pences e uma garrafinha de cerveja.

— Monte agora, fique atento e cuide de você mesmo, pois temos diante de nós três milhas de fogo que eu terei de transpor com um pulo.

Ela atravessou as três milhas de fogo com um pulo e perguntou se ele ainda estava montado. Ele disse que sim e eles prosseguiram. Depois ela pediu-lhe para desmontar e dar a ela sua refeição. Ele obedeceu. Deu-lhe um pão de seis pences e uma garrafinha de cerveja. Ela comeu e bebeu, depois disse-lhe que havia diante deles um monte de três milhas coberto de cardos¹⁶ pontiagudos e que tinham de transpô-lo num salto. Depois que atravessou o monte, perguntou-lhe se ainda estava montado. Ele disse que sim. Prosseguiram. Não tinham ido muito longe, quando ela lhe pediu a refeição. Ele deu-lhe o pão e a garrafinha. Depois, ela atravessou três milhas de mar com um pulo, e então chegou à terra do rei da França. Ela subiu para um ponto alto acima do castelo, relinchou e chocalhou-se. Os sinos tocaram, e o rei disse que era Brown Allree que estava no reino.

— Vá — disse o rei —, e se for o filho de um rei e uma rainha, traga-o para mim em seus ombros; se não, deixe-o lá.

Foram, pois as estrelas de um filho de rei estavam impressas em seu peito. Tomaram-no sobre os ombros e o conduziram ao rei. Eles passaram a noite jogando, bebendo e divertindo-se alegremente, até que o alvor do dia viesse trazer a manhã.

Foi então que o jovem rei contou a razão de sua jornada e pediu à rainha que o aconselhasse e que lhe desse a boa sorte. Ela disse-lhe tudo o que fazer.

— Vá sem demora — disse a rainha —, leve contigo a melhor égua do estábulo e vá à porta de Rough Niall de Speckled Rock, bata e chame, peça-lhe que dê notícias da morte de Anshgayliacht e da espada de luz. Deixe o cavalo à porta voltado para a frente, meta-lhe as esporas e desapareça.

Pela manhã, ele pegou o melhor cavalo do estábulo e dirigiu-se à casa de Niall. Deixou o cavalo à porta voltado para a frente, e foi indagar as notícias da morte de Anshgayliacht e da espada de luz. Em seguida, esporeou o cavalo e desapareceu. Niall o seguiu implacavelmente e, enquanto atravessava os portões, o cavalo se partiu em dois. Sua esposa estava ali com um prato de pudim e outro de carne e lançou-os nos olhos dele e o cegou por um instante. Depois disse:

— Tolo! Que tipo de homem é esse que zomba de você, que não tem a condição nobre que você tem e que entra aqui montado no cavalo de seu pai?

No dia seguinte, Morraha levantou-se pela manhã, pegou outro cavalo do estábulo e foi novamente à porta de Niall. Ele bateu e pediu notícias da morte de Anshgayliacht e da espada de luz, meteu as esporas no cavalo e desapareceu. Niall o perseguiu e, enquanto Morraha passava pelo portão, o cavalo se partiu em dois e fez voar metade da sela com ele. Mesmo assim sua esposa o encontrou e lançou carne em seus olhos e o cegou por um instante outra vez.

No terceiro dia, Morraha foi novamente à porta de Niall. Niall o perseguiu e, enquanto Morraha passava pelo portão, sua sela se partiu e cortou suas roupas pelas costas. Sua esposa disse-lhe então:

— O idiota que está zombando de você está lá fora num pequeno barco e toma o caminho de casa. Tome cuidado contigo mesmo e não durma um momento sequer por três dias.

Por três dias o pequeno barco permaneceu à vista. A esposa de Niall então disse:

— Durma o quanto quiser, agora. Ele se foi.

Ele foi dormir e caiu num sono pesado. Morraha entrou e pegou o punho da espada que estava à cabeceira da cama. A espada tentou se afastar da mão de Morraha, mas não conseguiu; então deu um grito e acordou Niall, e Niall falou que era um ato rude e tosco ele entrar em sua casa daquela maneira.

Morraha disse-lhe:

— Deixe de tanta conversa ou cortarei a sua cabeça. Fale-me sobre a morte de Anshgayliacht.

— Oh, pode ficar com a minha cabeça.

— Mas sua cabeça não é o que quero. Conte-me a história.

— Oh! — disse a esposa de Niall. — É melhor você contar a história.

— Muito bem — disse Niall —, vamos sentar enquanto conto a história. Nunca pensei que um dia alguém fosse pedi-la; contudo, agora ela será conhecida por todos.

A HISTÓRIA

Quando eu ainda era um juvenzinho, minha mãe me ensinou a linguagem dos pássaros. Depois que me casei, eu costumava ouvir a conversa deles e ficava rindo. Um dia, minha esposa perguntou-me a razão do meu riso, mas eu não quis dizer-lhe, pois as mulheres estão sempre fazendo perguntas.

Em uma manhã agradável em que saímos para caminhar, vi que os pássaros conversavam entre si. Um dizia ao outro:

— Por que você se compararia a mim se não há nem rei nem cavaleiro que não deixa de admirar a minha árvore?

— Que vantagem tem a sua árvore sobre a minha, que tem três ramos com poderes mágicos crescendo?

Ao ouvi-los, e sabendo que os galhos existiam, comecei a rir.

— Oh, por que você está sempre rindo? — perguntou minha esposa. — Acho que você está gracejando de mim e não caminharei mais com você.

— Oh, não é de você que estou rindo. É que eu compreendo a língua dos pássaros.

Tive então de contar para ela o que os pássaros estavam dizendo um ao outro. Ela ficou muito satisfeita e pediu-me para ir para casa. Chegando lá, deu ordens ao cozinheiro para estar com o café da manhã pronto às seis horas. Eu não sabia por que ela ia levantar-se tão cedo.

De manhã, o café ficou pronto na hora que ela ordenou. E ela pediu-me para fazer uma caminhada. Fui com ela.

Ela aproximou-se da árvore e pediu-me que lhe cortasse um ramo.

— Oh, não o cortarei. Não ficaremos melhor sem ele?

— Não me afastarei daqui enquanto não conseguir o ramo, quero ver se há algo de bom nele.

Cortei o ramo e o dei a ela. Ela virou-se e bateu com ele em uma pedra, que se transformou. Depois deu um segundo golpe em mim, e me transformou em um corvo negro. Foi então para casa e me deixou ali. Pensei que voltaria. Mas ela não voltou, e tive de ficar em uma árvore até amanhecer. Pela manhã, às seis horas, um mensageiro circulava proclamando que aquele que matasse um corvo negro ganharia a quantia de quatro pences. E assim já não se podia encontrar um homem ou rapaz que não levasse uma arma, nem andar três milhas sem encontrar um corvo morto. Tive de fazer um ninho no alto de uma chaminé e manter-me escondido até que a noite caísse, quando então saía para conseguir o mínimo para alimentar-me. Desse modo passei um mês. Aqui, é ela própria que dirá se é mentira o que estou dizendo.

— Não é — ela disse.

Depois disso a vi passeando e fui ao seu encontro, pensando que me faria retornar à minha forma. Ela bateu com a vara em mim e me transformou em um cavalo branco velho, e ordenou que eu fosse atrelado a uma carroça para carregar pedras da manhã até a noite.

Eu estava em pior situação do que antes. Ela espalhou por toda parte a notícia de que eu tinha morrido em minha cama, preparou um ataúde, me fez um velório e me sepultou. Ela agora estava sem problemas.

Mas, quando eu me cansei, comecei a matar todos que se aproximavam de mim, e costumava ir ao celeiro toda noite destruir pilhas de cereais. Se um homem se aproximasse de mim pela manhã, eu o perseguia até quebrar-lhe os ossos. Todos me temiam. Logo que ela percebeu que eu estava causando danos, veio ao meu encontro. E eu estava certo de que ela ia me transformar. E ela me transformou, fez de mim uma raposa. Quando considerei que ela estava me causando todo tipo de dano, fugi dela. Sabia da existência de uma toca de texugo no jardim, e ficava ali até a noite cair. Fiz uma grande matança de patos e gansos. Nisso, é ela própria que dirá se eu estou mentindo.

— Oh, você não está falando nada menos que a verdade.

Quando a minha matança de aves lhe tinha sido bastante, ela veio ao jardim, pois sabia que eu estava na toca do texugo, apareceu diante de mim e me transformou em cachorro. Tive de desaparecer, fui para uma ilha onde ninguém no mundo me visse e, de vez em quando, costumava matar ovelhas para que ali não houvesse grande número delas, pois eu estava com medo de que me vissem e me caçassem. E assim passei um ano, até que um pastor me viu entre as ovelhas e uma caçada foi empreendida contra mim. Quando os cães se aproximaram, fiquei cercado e não havia por onde escapar; mas reconheci as insígnias do rei e lhe fiz um sinal. O rei gritou para que parassem os cães. Dei um pulo diante da sela do rei, e a mulher que estava atrás gritou:

— Meu rei e meu senhor, mate-o ou ele o matará!

— Oh! Ele não me matará. Ele me reconheceu; deve ser perdoado.

O rei me levou com ele e deu ordens para que me tratassem bem. Eu era muito sagaz; quando fui comer, não queria tocar na comida até que eu conseguisse uma faca e um garfo.

Contaram isso ao rei, e ele veio ver se era verdade. Peguei a faca e o garfo, a faca com uma pata, o garfo com a outra, e curvei-me em reverência ao rei. Ele deu ordens para trazerem uma bebida,

e ela veio. O rei encheu uma taça com vinho e a deu a mim. Peguei a taça com minha pata, bebi e agradei ao rei.

— Por minha honra — ele disse —, algum rei ou outra pessoa o perdeu quando veio para a ilha. E eu o mantereí, pois ele é amestrado, e, quem sabe, ainda nos servirá.

E assim era o caráter do rei, um rei que não tinha filhos vivos. Nasceram-lhe oito filhos e três filhas, e foram todos roubados na mesma noite em que nasceram. Não adiantou guarda para vigiar as crianças, de manhã elas tinham desaparecido. O décimo segundo filho tinha vindo para a rainha, e o rei me escolheu para guardar a criança. As mulheres não ficaram satisfeitas com isso.

— Oh — disse o rei —, o que adiantou essa guarda de vocês? Nem um dos que nasceram está comigo; vou deixar este aos cuidados do cão, e ele não o deixará ir.

Fui colocado diante do berço e, quando todos iam dormir, eu ficava guardando o bebê até que acordassem e cuidassem dele durante o dia. Mas ali fiquei apenas duas noites. Na última, quando estava próximo do amanhecer, vi uma imensa mão descendo pela chaminé. Ela era tão grande que o bebê ficou todo envolvido nela, e vi que o ia levar embora. Agarrei a mão pelo punho e a mantive presa enquanto também segurava o berço, até que a parti no pulso. Ouvi então um uivo vindo do lado de fora. Deixei a mão no berço com a criança e, como estava cansado, adormeci. Quando acordei, já ali não estavam nem a mão nem a criança. Comecei a uivar. O rei me ouviu e gritou que havia alguma coisa errada comigo. Mandou um criado ver o que estava acontecendo. Ele me encontrou coberto de sangue e, além disso, não encontrou a criança. Retornou e disse ao rei que a criança tinha desaparecido. O rei veio ver e viu o berço todo manchado de sangue. Então bradou:

— Para onde foi levada a criança? — e todos disseram que era o cão que a tinha comido.

— Não foi, liberte-o, e ele próprio fará a busca.

Quando fui libertado, farejei o cheiro do sangue até encontrar a porta do quarto onde a criança estava. Voltei ao rei, trouxe-o de volta comigo e comecei a arranhar a porta. O rei ficou observando meus gestos e depois perguntou pela chave. O criado disse que

estava no quarto de uma mulher desconhecida. Ele mandou que fizessem uma busca, mas ela não foi encontrada.

— Já que não posso ter a chave, vou arrombar a porta — disse o rei. Assim ele fez, eu entrei e encontrei um baú. O rei pediu a chave para abrir o baú, mas não conseguiram encontrá-la. Ele então quebrou a fechadura e abriu o baú. A criança estava ali dormindo, e a mão ao seu lado. O rei pegou a mão e ordenou que viesse uma mulher para cuidar da criança. Depois mostrou a mão para todos da casa. Mas a mulher estranha já tinha desaparecido e não presenciou isso. E aqui está ela própria para dizer se estou dizendo mentiras sobre ela.

— Oh, você não diz nada mais que a verdade.

O rei não permitiu que eu ficasse mais preso.

Disse que não havia nada para se admirar tanto quanto o fato de eu ter cortado aquela mão apesar de estar amarrado.

A criança desenvolveu-se e atingiu a idade de um ano. Começou a andar, e ninguém cuidava mais do menino do que eu.

Ele continuou crescendo e chegou aos três anos. E escapava a toda hora. O rei então ordenou que o prendessem a mim com uma corrente de prata para que não ficasse longe de minhas vistas. Eu permanecia com ele no jardim todo dia. O rei era a pessoa mais orgulhosa do mundo com o filho. Ficava prestando atenção no menino a todo lugar aonde íamos até que crescesse o suficiente e pudesse ser libertado da corrente e ficar livre. Mas o dia em que as correntes foram tiradas, não consegui encontrá-lo. Andei pela casa e procurei por todo canto, e nem sinal dele. O rei mandou que o fossem procurar fora do palácio. Não conseguiram encontrar o menino e toda busca que fizeram foi inútil. E por isso não mais o rei me favoreceu, e todos me abandonaram. Fiquei fraco, pois não tinha nunca uma migalha para comer. Quando o verão chegou, disse que ia tentar ir para casa. Em uma bonita manhã parti, atravessei a nado todo o percurso. Deus me ajudou e cheguei à minha casa. Fui para o jardim, pois tinha medo que minha esposa me visse, e ali eu conhecia um lugar onde podia esconder-me. Pela manhã a vi passeando no jardim levando a criança pela mão. Saí do meu esconderijo para ver o menino e, como olhasse para todos os lados, ele me viu e chamou-me:

— Oh, o meu papai felpudo! Oh! Oh, meu amigo do coração, meu papai felpudo, venha aqui perto de mim!

O menino apontou para a árvore onde eu estava, quando ela lhe perguntou pelo meu rumo. Fiquei com medo de que ela me visse e, quanto mais o menino me chamava, mais eu me escondia. A mulher levou a criança para dentro, mas eu sabia que ele se levantaria cedo de manhã.

Fui para a janela da sala onde a criança estava brincando. Quando me viu, ele exclamou:

— Oh! Meu amigo do coração, venha aqui perto de mim, meu papai felpudo.

Forcei a janela e entrei. O menino começou a me beijar. Vi a varinha em frente à chaminé, dei um salto e a derrubei com as patas.

— Oh, meu amigo do coração, ninguém me daria essa bela varinha — ele disse.

Eu esperava que ele batesse a vara em mim, mas não bateu. Eu tinha pouco tempo, e então levantei a pata e arranhei sua perna.

— Oh! Seu malvado, sujo, papai felpudo, você me machucou muito. Vou te bater!

Ele me golpeou levemente, e então voltei à minha antiga forma. O menino deu um grito ao ver um homem diante dele, e eu o tomei nos braços. Os criados ouviram o seu grito, e uma mulher veio ver o que estava acontecendo. Deu também um grito quando me viu:

— Oh, ou muito me engano, ou é nosso amo que voltou para a vida!

Um outro veio e disse que era verdade. Quando a senhora da casa ouviu isso, veio para ver com os próprios olhos, pois não podia acreditar que eu estivesse ali. Depois que me viu, disse que ia se asfixiar.

— Se mantiver esse segredo guardado, nenhum homem jamais ouvirá essa história de mim, a menos que me faça perder a cabeça.

Aqui está ela própria para dizer se estou falando a verdade.

— Oh, não diz nada mais que a verdade.

Quando me vi de novo em forma de homem, disse que levaria a criança para o seu pai e a sua mãe, pois sabia a dor que estavam passando depois de o terem perdido. Tomei então um navio com o

menino e, no meio da jornada, chegamos a uma ilha. Não vi nela nem uma alma viva, apenas um castelo escuro, de aparência sombria. Fui verificar se alguém habitava ali. Encontrei apenas uma bruxa alta e assustadora.

— Que tipo de pessoa é você? — ela me perguntou.

Eu tinha ouvido alguém gemer em um outro aposento e disse que eu era médico. Depois lhe perguntei o que sofria a pessoa que estava gemendo.

— Oh! — disse — É o meu filho, que teve a mão arrancada por uma mordida de cachorro.

Eu compreendi que havia sido ele quem levou o menino de mim, e disse a ela que eu trataria dele se recebesse uma recompensa.

— Não tenho nada, a não ser oito rapazes e três moças. Belos como eles ninguém jamais viu. Serão seus se você curar o meu filho.

— Diga-me primeiro onde foi que lhe arrancaram a mão.

— Foi em outro país, há doze anos.

— Leve-me a ele para que eu possa vê-lo.

Ela me conduziu ao aposento. Seus braços estavam inchados até os ombros. Ele me perguntou se eu poderia curá-lo. Eu disse que o curaria se ele me desse a recompensa que sua mãe tinha prometido.

— Eu lhe darei, mas me cure.

— Bem, traga-os para mim.

A bruxa trouxe os jovens. Eu disse que ia cauterizar o seu braço. Notei que ele gemeu de dor. Disse que não o deixaria sentir dor durante muito tempo. O miserável tinha apenas um olho na testa. Peguei uma barra de ferro, levei ao fogo até ficar incandescente, e disse para a bruxa:

— Ele vai gemer no início, mas logo cairá adormecido. Não o acorde, deixe-o dormir tanto quanto queira. Vou fechar a porta quando eu sair.

Levei a barra comigo e me pus sobre ele, depois a enfiei pelo seu olho adentro, tão fundo quanto pude. Ele começou a urrar e tentou me agarrar, mas eu já estava longe e fora do seu alcance. Saí e fechei a porta.

— Por que ele está urrando? — perguntou a bruxa.

— Ele se aquietará logo e dormirá por um bom tempo. Depois voltarei para vê-lo. Agora traga para mim os moços e as moças.

Tomei-os comigo, e disse-lhe:

— Diga-me onde os encontrou.

— Meu filho trouxe-os com ele, são todos filhos de um rei.

Fiquei satisfeitiíssimo, e não tinha nenhuma vontade de demorar mais para me livrar da bruxa. Levei os filhos do rei a bordo, e também o menino que já estava comigo. Imaginava que o rei me daria aquele que eu criei.

O rei tinha saído para um passeio quando ali cheguei com todos aqueles jovens. Ele já estava velho, a rainha também, e quando fui junto com seus doze filhos conversar com eles, puseram-se a chorar.

— Por que estão chorando? — perguntei.

— É por uma boa razão que choramos. Teria tantos filhos como esses, e agora estou débil, grisalho, no fim da vida, e não tenho um sequer.

Contei-lhe tudo o que passei e lhe entreguei o filho nas mãos. Em seguida, disse-lhe:

— Esses são seus outros filhos roubados de você, que lhe entrego salvos. Estão belamente formados.

Quando o rei soube quem eram, cobriu todos eles de beijos e lágrimas. Depois secou-as com peças finas de seda e com o próprio cabelo. O mesmo fez a mãe, e grande foi a acolhida com que me receberam, já que fui eu que os tinha encontrado.

— Eu lhe darei o meu último filho — disse o rei —, pois é você que mais o merece; mas terá de vir à minha corte todo ano e trazê-lo contigo; além disso, dividirei com você as minhas posses.

— Tenho o suficiente para mim e, depois de minha morte, deixarei tudo para o menino.

Demorei-me ali algum tempo, e até que minha visita terminasse contei-lhe todos os transtornos por que passei, apenas não disse nada sobre minha esposa. E agora você tem a história.

Quando for para casa e o Vistoso Campeão Ruivo perguntar-lhe pelas notícias da morte de Anshgayliacht e pela espada de luz, diga-lhe o modo como seu irmão foi morto; diga-lhe também que você tem a espada. Quando ele pedi-la, diga-lhe: “Se prometi trazê-la até

você, não prometi trazê-la para você”; e então lance a espada para o ar e ela voltará para mim.

Ele foi para casa, contou a história da morte de Anshgayliacht para o Vistoso Campeão Ruivo e disse:

— Eis aqui a espada.

O Vistoso Campeão Ruivo pediu-a, mas ele disse:

— Se prometi trazê-la até você, não prometi trazê-la para você — e lançou-a para o alto e ela retornou para Niall.



¹⁵ Bola usada no jogo de *hurling* (ver nota 12, [p. 100](#)). (N. T.)

¹⁶ Cardo: planta pertencente à família *Asteraceae*. É considerada a flor nacional da Escócia. (N. E.)

AS MULHERES DE CHIFRES



Uma rica mulher estava sentada, tarde da noite, cardando e preparando a lã, enquanto toda a família e os criados dormiam. Subitamente ouviu uma batida na porta, e uma voz chamou:

— Abra! Abra!

— Quem está aí? — disse a dona da casa.

— Eu sou a Feiticeira de um Chifre — foi a resposta.

A mulher, supondo tratar-se de alguma vizinha pedindo ajuda, abriu a porta e uma mulher entrou, levando nas mãos um par de cardadores, e tendo na testa um chifre, como que nascido ali. Sentou-se em silêncio junto ao fogo e começou a cardar a lã com violenta pressa. Subitamente ela parou e disse em voz alta:

— Onde estão as mulheres? Estão demorando muito.

Então se ouviu uma segunda batida na porta, e uma voz chamou, como antes:

— Abra! Abra!

A dona da casa sentiu-se obrigada a se levantar e abrir a porta. Imediatamente outra feiticeira entrou, com dois chifres na testa e uma roca de fiar lã nas mãos.

— Dê-me um lugar para sentar — disse ela —, eu sou a feiticeira dos dois chifres — e começou a fiar veloz como um raio.

E assim as batidas na porta prosseguiram, as chamadas eram ouvidas, e as feiticeiras iam entrando, até que finalmente havia doze mulheres sentadas ao redor do fogo, a primeira com um chifre e a última com doze.

E elas cardaram o fio, e giraram suas rocas de fiar, e tricotaram e teceram, todas cantando juntas uma antiga canção, mas não dirigiram uma única palavra à dona da casa. Era estranho de se ouvir e assustador de se ver essas doze mulheres, com seus chifres e suas rocas; e a dona da casa quase desmaiou; tentou levantar-se para chamar ajuda, mas não conseguiu mover-se nem pronunciar uma palavra, nem mesmo gritar, pois as feiticeiras haviam-na enfeitiçado.

Então uma delas a chamou em irlandês e disse:

— Levante-se mulher, e faça um bolo para nós.

A dona da casa foi pegar uma vasilha para trazer água do poço e misturá-la à farinha para fazer o bolo, mas não conseguiu encontrar nenhuma.

Então elas disseram a ela:

— Pegue uma peneira e traga a água dentro dela.

Ela pegou a peneira e foi até o poço, mas a água passava pelos furos da peneira e assim a mulher não conseguiu pegar nem um pouco para fazer o bolo. Então sentou-se junto ao poço e chorou. Subitamente ouviu uma voz perto dela que disse:

— Pegue argila ocre e musgo, misture-os e forre a peneira com a pasta, assim ela vai segurar a água dentro dela.

Foi o que a mulher fez, e a peneira segurou a água para o bolo, e a voz disse novamente:

— Volte para casa, e quando chegar ao canto norte, grite alto três vezes dizendo: “A Montanha das Mulheres Fenianas e o céu sobre elas estão pegando fogo!”.

Foi o que ela fez. Quando as feiticeiras lá dentro ouviram o chamado, um grito enorme e terrível irrompeu de seus lábios e elas correram para fora soltando gritos estridentes e lamentos, e fugiram para Slievenamon, sua morada primordial. Mas o Espírito do Poço pediu à dona da casa que entrasse e preparasse a casa contra os feitiços das bruxas, caso elas voltassem.

Primeiro, para romper os encantamentos, ela borrifou a água na qual lavara os pés de seu filho, a “água do lava-pés”, do lado de fora da porta, na soleira; depois, pegou o bolo que as feiticeiras haviam feito em sua ausência, de farinha misturada ao sangue sugado da família adormecida, cortou-o em pedaços, colocou um pedaço na

boca de cada um dos adormecidos, e eles recuperaram a saúde. Então pegou o pano que haviam tecido e colocou-o metade fora e metade dentro do baú fechado com cadeado, e finalmente travou a porta com uma grande tramela presa aos batentes, para que as bruxas não pudessem entrar. E, ao terminar de fazer essas coisas todas, ficou aguardando.

Não demorou muito para que as feiticeiras voltassem, com muita raiva e clamando por vingança.

— Abra! Abra! — gritaram. — Abra, água de lava-pés!

— Não posso — disse a água de lava-pés —, estou toda esparramada pelo chão, e minha trajetória vai até o lago.

— Abram, abram, madeira, árvores e tramela! — gritaram elas para a porta.

— Não posso — disse a porta —, a tramela está pregada nos batentes e não tenho força para movê-la.

— Abra, abra, bolo que fizemos e que misturamos com sangue! — gritaram elas de novo.

— Não posso — disse o bolo —, estou quebrado e macerado, e meu sangue está nos lábios das crianças adormecidas.

Então as feiticeiras voaram pelos ares dando gritos estridentes, e fugiram para Slievenamon, lançando estranhas maldições ao Espírito do Poço que desejara a sua destruição. A mulher e a casa foram deixadas em paz, e um xale perdido por uma das feiticeiras em sua fuga foi guardado pela dona da casa como lembrança daquela noite. Esse xale permaneceu na mesma família, passando de geração em geração, durante mais de quinhentos anos.

O FAZENDEIRO DE LIDDESDALE



Havia em Liddesdale (em Morven) um fazendeiro que no intervalo de apenas um ano sofreu grandes perdas. Primeiro, a esposa e os filhos morreram. E, pouco tempo depois dessas mortes, o seu lavrador o deixava. A safra estava no fim e não havia meio de conseguir um outro lavrador para substituir o que tinha ido. Com a vinda da primavera, seus vizinhos começaram a arar a terra; ele, porém, não tinha quem manejasse o arado e não sabia o que podia fazer. O tempo foi passando e ele foi perdendo a paciência. Por fim, disse para si mesmo, num acesso de aflição, que ia empregar o primeiro homem que encontrasse em seu caminho, fosse quem fosse.

Pouco depois disso, um homem apareceu em sua casa. O fazendeiro o encontrou à porta e perguntou-lhe de onde vinha e o que procurava. Ele respondeu que era lavrador e que queria um trabalho.

— Preciso de um lavrador, e se estivermos de acordo sobre o salário, eu te empregarei. Quanto pede pelo trabalho feito desde hoje até o dia em que a colheita for armazenada?

— Apenas a quantidade da colheita já seca que eu conseguir carregar comigo em uma amarra de cipó.

— Terás o que pedes — disse o fazendeiro e assim fizeram o acordo.

Na manhã seguinte, o fazendeiro saiu com o lavrador e mostrou-lhe os campos que ele tinha de arar. Antes de retornarem, o lavrador foi à floresta, cortou três estacas, voltou com elas e colocou uma na

extremidade de cada uma das roças. Depois de tê-lo feito, disse ao fazendeiro:

— Farei o trabalho agora sozinho e a lavra já não te causará ansiedade.

Tendo falado assim, foi para casa e permaneceu ocioso todo o dia. No dia seguinte, permaneceu ocioso como no anterior. Depois de ter passado um bom tempo assim, o fazendeiro disse-lhe que já era hora de começar a trabalhar, pois a primavera estava passando e os vizinhos já tinham metade do trabalho pronto.

— Oh, nossa terra não está ainda pronta — ele replicou.

— Por que pensas isso?

— Oh, eu sei disso pelas estacas.

Se a demora do lavrador tinha deixado o fazendeiro perplexo, essa resposta o fez mais espantado ainda. Decidiu que o vigiaria e observaria o que estava fazendo.



O fazendeiro levantou cedo na manhã seguinte, e viu o lavrador seguir para a primeira roça. Quando ali chegou, arrancou a estaca do chão e a encostou ao nariz. Sacudiu a cabeça e recolocou a estaca no lugar. Saiu dali e foi para as demais roças. Experimentou as estacas, sacudiu a cabeça e depois seguiu para casa. Ao entardecer, foi uma segunda vez para as roças, experimentou as estacas, sacudiu a cabeça e, depois de recolocá-las no chão, voltou para casa. Na manhã seguinte, foi aos campos pela terceira vez. Quando chegou à primeira estaca, arrancou-a do chão, encostou-a no nariz, tal como fizera no dia anterior. Tão depressa o fez quanto mais depressa atirou a estaca para longe dele e se esticou para casa com toda a ligeireza.

Pegou os cavalos, as varas, o arado e, quando chegou à beira da primeira roça, enfiou o arado no chão e gritou:

— Meus cavalos, e meus tirantes de couro, e briosos meninos, a terra está brotando!

Começou a arar, e manteve-se o dia todo num ritmo alucinado de trabalho. Antes que o sol se tivesse posto, já não havia nos três campos um palmo de terra que ele não tivesse arado, semeado e gradado. Quando o fazendeiro viu aquilo, ficou extraordinariamente satisfeito, pois seu trabalho tinha ficado pronto tão rápido quanto o dos seus vizinhos.

O lavrador foi rápido e fez prontamente tudo o que tinha dito. Ele e o fazendeiro estavam perfeitamente de acordo, até que chegou a colheita. Certo dia, quando a ceifa já estava terminada, o fazendeiro disse-lhe que achava que os grãos estavam já secos para armazenar. O lavrador experimentou fazer um feixe ou dois, e respondeu que não estavam secos ainda. Mas pouco tempo depois disse que já estavam bons.

— Se estão — disse o fazendeiro —, melhor começarmos a armazená-los.

— Não até eu separar primeiro a minha parte — disse o lavrador.

Foi em seguida para a floresta e, em pouco tempo, retornou trazendo cipós enrolados e raspados. Esticou os cipós no campo e começou a amarrar as medas nele. Continuou a amarrar medas após medas com os cipós, até que tivesse amarrado quase todas

que estavam no campo. O fazendeiro perguntou-lhe o que pretendia.

— Prometeu-me em pagamento tanto quanto eu conseguisse carregar comigo em um fardo amarrado com cipós — disse o lavrador enquanto amarrava as medas.

O fazendeiro viu que o lavrador ia arruiná-lo, e então disse:

*Foi em março que semeei,
foi em março que sequei,
foi em março que gradei.
Tu, que preparaste os três “marços”,
não levarás em um feixe meu quinhão.*

No mesmo instante os cipós se partiram e ouviu-se um grande estrondo, que ressoou em cada rocha longe e perto. A safra espalhou-se pelo campo e o lavrador desapareceu em uma nuvem de cipós no céu. Nunca mais foi visto.

© Copyright desta tradução: Landy Editora Ltda., 2005.
Direitos cedidos à Editora Martin Claret Ltda. para publicação em 2013.
Título original: *Celtic Fairy Tales* (1892) e *More Celtic Fairy Tales* (1894).

Direção
MARTIN CLARET

Produção editorial
CAROLINA MARANI LIMA / FLÁVIA P. SILVA / MARCELO MAIA TORRES

Projeto gráfico e diagramação
GABRIELE CALDAS FERNANDES / GIOVANA GATTI LEONARDO

Direção de arte e capa
JOSÉ DUARTE T. DE CASTRO

Ilustração de miolo
ALEXANDRE CAMANHO

Tradução
VILMA MARIA DA SILVA E INÊS A. LOHBAUER

Revisão
ALEXANDER BARUTTI A. SIQUEIRA / MARIA REGINA RIBEIRO MACHADO

A ORTOGRAFIA DESTE LIVRO FOI ATUALIZADA SEGUNDO O ACORDO
ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA DE 1990, QUE PASSOU A VIGORAR EM
2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP,
Brasil)

Jacobs, Joseph, 1854-1916.
Bruxas, bruxos e os feitiços mais cruéis que se podem imaginar [livro eletrônico] / Joseph
Jacobs; tradução Vilma Maria da Silva e Inês A. Lohbauer [ilustração Alexandre Camanho
e Shutterstock]. — São Paulo: Martin Claret, 2019. — (Coleção contos de fadas; 2) 1,97
Mb; ePub

Título original : *Celtic Fairy Tales* e *More Celtic Fairy Tales*.
ISBN 978-85-440-0263-6

1. Celtas - Folclore 2. Contos de fadas - Grã-Bretanha 3. Folclore - Grã-Bretanha I.
Camanho, Alexandre. II. Título. III. Série.

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos de fadas celtas: Folclore 398.2

Cibele maria Dias - Bibliotecária-CRB-8/9427

EDITORA MARTIN CLARET LTDA.

Rua Alegrete, 62 — Bairro Sumaré — CEP: 01254-010 — São Paulo — SP Tel.: (11) 3672-8144 — Fax: (11) 3673-7146

www.martinclaret.com.br